

MAPA PRETO DA EDUCAÇÃO

Dados Nacionais
(2013-2021)



Apresentação

Prezado Leitor,

O Mapa Preto da Educação é uma ferramenta essencial para mapear e compreender as desigualdades raciais na educação brasileira. Seu principal objetivo é destacar as barreiras enfrentadas pela população negra, tanto no acesso quanto na qualidade do ensino, e fornecer uma base sólida para orientar ações que promovam igualdade e inclusão. A análise utiliza as notas do SAEB para o 5º ano (Anos Iniciais), 9º ano (Anos Finais) e Ensino Médio, selecionadas por serem as únicas em larga escala que permitem um recorte racial e possibilitam uma visão aprofundada das disparidades educacionais. Os dados abrangem o período de 2013 a 2021, permitindo uma compreensão abrangente das desigualdades persistentes na educação brasileira.

Este relatório marca o início de uma série de análises que buscarão detalhar, de maneira sistemática, os dados disponíveis sobre essas desigualdades. Aqui, apresentamos uma visão nacional, observando as disparidades que permeiam as diferentes regiões e grupos sociais no Brasil. É o primeiro passo de um projeto que, em breve, desdobrar-se-á em relatórios específicos para cada estado, ampliando a compreensão das realidades locais e suas particularidades.

Com este documento, esperamos não apenas diagnosticar problemas, mas também abrir caminhos para soluções que contribuam para a equidade no sistema educacional. O Mapa Preto da Educação é um convite para todos – gestores, educadores, formuladores de políticas públicas e cidadãos – refletirem e agirem de forma a construir um país mais justo e inclusivo.

Seja bem-vindo(a) a este primeiro capítulo. Que ele inspire transformações significativas para uma educação igualitária e transformadora. Para acessar os dados e fazer suas próprias análises acesse:

<http://www.mapapretodaeducacao.org/>

Juliana Carvalho - Coordenadora de Pesquisa do Instituto Guetto

O Instituto Guetto

GUETTO é um acrônimo que significa Gestão Urbana de Empreendedorismo, Trabalho e Tecnologia Organizada, e desde 2019, o Instituto vem liderando projetos e parcerias bem-sucedidas na iniciativa pública e no mercado corporativo, abrangendo áreas como pesquisas e palestras no campo da educação básica a superior, programas de empreendedorismo, empregabilidade, consultorias e treinamentos corporativos.

Essas iniciativas têm como objetivo potencializar a vida das pessoas negras e indígenas, contribuindo na criação de uma sociedade justa que proporciona as ferramentas necessárias para a democratização do acesso às melhores oportunidades.

Sumário Executivo

Resultados Nacionais

O presente relatório busca apresentar uma análise detalhada das desigualdades educacionais no Brasil, utilizando dados organizados em diferentes dimensões: raça, sexo, tipo de escola e combinações dessas variáveis. Essas categorias foram escolhidas como eixos de análise porque refletem as principais disparidades existentes no sistema educacional brasileiro, destacando como fatores estruturais afetam os resultados escolares. A abordagem permite compreender não apenas as desigualdades isoladas, mas também como elas se entrelaçam, impactando de forma mais intensa determinados grupos. Por exemplo, as desigualdades raciais tornam-se ainda mais evidentes quando combinadas com gênero ou o tipo de escola frequentada, revelando barreiras adicionais enfrentadas por alunos negros, indígenas e de escolas públicas.

O objetivo deste relatório é, portanto, oferecer uma visão abrangente que subsidie a formulação de políticas públicas e estratégias pedagógicas mais equitativas, orientadas para superar as barreiras estruturais que limitam o acesso a uma educação de qualidade para todos os estudantes.

Resultados por Raça

- **Português:** Alunos brancos consistentemente apresentam as maiores médias, seguidos por amarelos, pardos, pretos e indígenas. Por exemplo, no Ensino Médio, alunos brancos têm uma média de 4,76, enquanto alunos indígenas registram 3,25 (-33%).
- **Matemática:** Diferenças similares são observadas, com alunos brancos liderando (média de 4,10) e indígenas apresentando as maiores defasagens (-31%).

Resultados por Sexo

- **Português:** Meninas superam meninos em todas as séries, com vantagens que variam de +17% no 5º ano a +20% no Ensino Médio.
- **Matemática:** Meninos apresentam desempenho superior, especialmente no Ensino Médio, onde registram uma vantagem de -13% em relação às meninas.

Resultados por Tipo de Escola

- **Escolas Privadas:** Alunos apresentam desempenho significativamente superior em ambas as disciplinas. No Ensino Médio, a vantagem é de +71% em Português e +77% em Matemática.
- **Escolas Públicas:** Alunos enfrentam desafios mais acentuados, com médias consistentemente inferiores.

Resultados por Raça e Tipo de Escola

- **Escolas Privadas:** As desigualdades raciais são menores, mas ainda presentes. Em Português, alunos amarelos superam ligeiramente os brancos, enquanto pretos e indígenas ficam cerca de -12% a -16% abaixo.
- **Escolas Públicas:** As diferenças raciais são mais evidentes, com alunos brancos liderando em ambas as disciplinas. Por exemplo, em Matemática, alunos pretos apresentam defasagem de -16% em relação aos brancos.

Resultados por Sexo e Raça

- **Português:** Meninas brancas têm o melhor desempenho, com médias significativamente superiores às de meninos pretos e indígenas, destacando a interseccionalidade das desigualdades.
- **Matemática:** Apesar de os meninos terem vantagem geral, as diferenças raciais continuam marcantes, com meninos brancos apresentando médias muito superiores às de meninos indígenas (-39%).

Os dados reforçam a existência de desigualdades estruturais no sistema educacional brasileiro. A interseccionalidade entre raça, gênero e tipo de escola demonstra que os grupos historicamente marginalizados enfrentam desafios múltiplos, refletindo barreiras que limitam suas oportunidades de sucesso educacional.

Recomenda-se a implementação de políticas públicas direcionadas, como investimentos em infraestrutura escolar, formação docente, programas de reforço e ações afirmativas para mitigar essas desigualdades e promover maior equidade no sistema educacional.

Resultados Por Estado

A análise por estado oferece uma visão detalhada das disparidades educacionais no Brasil, destacando as variações regionais em desempenho escolar com base em raça, gênero e tipo de escola. Essa abordagem permite identificar não apenas os avanços e boas práticas implementados em algumas regiões, mas também os desafios enfrentados em contextos específicos. Os estados analisados apresentam cenários distintos que refletem diferenças socioeconômicas, culturais e estruturais, demonstrando como políticas educacionais podem impactar de formas variadas os resultados escolares.

O objetivo desta análise é destacar tanto os avanços positivos, que podem servir como referências e inspiração para outros estados, quanto os pontos de atenção, que sinalizam áreas prioritárias para ações e políticas educacionais. Ao identificar esses aspectos, buscamos contribuir para o desenvolvimento de estratégias educacionais mais eficazes e inclusivas, adaptadas às necessidades regionais e focadas em promover maior equidade no sistema de ensino. A seguir, apresentamos alguns dos destaques positivos e principais desafios observados em nossos dados.

Pontos de Destaque Positivos

- **Distrito Federal:** Apresenta resultados consistentes em diversas categorias, destacando-se pelo desempenho acima da média nacional em Português e Matemática, especialmente em escolas públicas. A menor disparidade entre alunos de diferentes grupos raciais sugere avanços em políticas educacionais voltadas à equidade.
- **São Paulo:** Demonstra consistência em resultados acima da média nacional em Português e Matemática, tanto em escolas públicas quanto privadas. O estado apresenta menor desigualdade entre tipos de escola, refletindo esforços na promoção da inclusão e igualdade de oportunidades.
- **Santa Catarina:** Alunos de escolas privadas mostram desempenhos acima da média nacional em ambas as disciplinas, com menor variação entre diferentes grupos raciais.

Pontos de Atenção

- **Maranhão:** Os alunos enfrentam desafios significativos, especialmente os indígenas, que apresentam médias abaixo da média nacional.
- **Amazonas:** Alunos indígenas, particularmente em Matemática, apresentam médias consideravelmente inferiores à média nacional.
- **Pará:** O estado enfrenta desafios relacionados a disparidades raciais e de gênero em escolas públicas.

A análise dos estados revela um panorama diversificado, onde avanços importantes coexistem com desafios significativos. Estados como o Distrito Federal, São Paulo e Santa Catarina destacam-se por seus desempenhos expressivos e menor disparidade entre grupos, sugerindo que políticas públicas

bem estruturadas e investimentos consistentes podem gerar resultados positivos. Por outro lado, estados como Maranhão, Alagoas e Amazonas enfrentam dificuldades acentuadas, especialmente entre alunos de grupos historicamente marginalizados, como indígenas e negros, e em escolas públicas.

Essas diferenças reforçam a importância de abordar as desigualdades educacionais com estratégias regionais específicas, que considerem as particularidades de cada estado. Estados com bons resultados podem ser usados como modelos de referência para políticas públicas, enquanto estados com desafios devem ser priorizados em esforços para reduzir as desigualdades estruturais. Essa abordagem equilibrada e direcionada é essencial para avançar na construção de um sistema educacional mais equitativo e inclusivo no Brasil.

Sumário

Introdução.....	10
Metodologia de Pesquisa	13
Diferenças por Raça	15
Diferenças por Sexo.....	26
Diferenças por Tipo de Escola	31
Diferenças por Tipo de Escola e Raça	37
Diferenças por Sexo e Raça	56
Considerações Finais.....	75
Bibliografia	77

Introdução

Compreender as desigualdades raciais na educação é fundamental para entender os impactos duradouros do racismo estrutural no Brasil. Essas desigualdades não apenas revelam a exclusão e marginalização de grupos racializados, mas também têm consequências amplas e profundas para o desenvolvimento do país. Pesquisas mostram que a perpetuação dessas disparidades educacionais afeta a mobilidade social, limita o acesso ao mercado de trabalho qualificado e contribui para a manutenção das desigualdades econômicas e sociais (Brito, 2016; Gouveia e Costa, 2018). Em um contexto em que a educação é vista como uma das principais vias para a igualdade de oportunidades, as falhas no sistema educacional brasileiro revelam barreiras que restringem o potencial de desenvolvimento do país, ampliando as dificuldades econômicas a longo prazo.

Estudos apontam que a qualidade da educação e o acesso desigual a recursos impactam diretamente a produtividade e o crescimento econômico de um país. A falta de investimentos adequados em educação para grupos vulneráveis tem implicações na formação de capital humano e no desempenho econômico futuro do Brasil, além de contribuir para uma sociedade mais desigual. Além das desigualdades raciais, fatores como gênero e o tipo de escola (pública ou privada) desempenham um papel crucial na determinação dos resultados acadêmicos. Essas desigualdades estruturais, frequentemente ignoradas, amplificam as barreiras enfrentadas pelos grupos mais vulneráveis.

Brito (2016) e Gouveia e Costa (2018) sublinham que essas disparidades têm raízes profundas na história de exclusão racial e socioeconômica no Brasil, agravadas pela distribuição desigual de recursos e infraestrutura entre escolas públicas e privadas. Esse cenário é uma evidência de que o sistema educacional brasileiro ainda enfrenta grandes desafios para oferecer uma educação equitativa e de qualidade, o que impede o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e economicamente forte.

Diante disso, este relatório se propõe a **explorar as desigualdades educacionais a partir de uma perspectiva interseccional**, levando em conta as variáveis de raça, gênero e tipo de escola, com o objetivo de evidenciar como essas desigualdades impactam diferentes grupos e de propor políticas públicas eficazes para a redução dessas disparidades.

A relação entre raça e desempenho acadêmico está intimamente ligada a questões de acesso a recursos e qualidade de ensino. Estudiosos como Ribeiro (2020) e Paixão (2019) apontam que o racismo estrutural, refletido na distribuição desigual de recursos entre escolas públicas e privadas, contribui para que alunos negros, indígenas e de outras minorias enfrentem maiores obstáculos ao sucesso escolar. Além disso, as escolas públicas, que atendem majoritariamente a esses grupos, sofrem com falta de infraestrutura adequada, professores qualificados e políticas de apoio psicopedagógico, o que se traduz em uma lacuna de desempenho em relação aos alunos de escolas privadas, predominantemente frequentadas por alunos brancos.

Por outro lado, a interseccionalidade entre gênero e raça também desempenha um papel importante nas desigualdades educacionais. Pesquisas mostram que meninas tendem a se sair melhor em português, enquanto os meninos têm um desempenho superior em matemática, mas quando essas variáveis se cruzam com a raça e o tipo de escola, as desigualdades se tornam ainda mais complexas. Conforme apontado por Nogueira (2017) e Silva (2021), meninas negras de escolas públicas enfrentam uma dupla desvantagem, sendo vítimas de discriminação racial e de expectativas de gênero, o que limita seu potencial acadêmico e impacta diretamente suas trajetórias escolares.

Assim, este relatório busca não apenas identificar e mensurar as disparidades de desempenho escolar entre grupos raciais e de gênero, mas também fornecer uma análise interseccional que esclareça como essas desigualdades se manifestam em diferentes contextos educacionais. Ao longo do relatório, **será examinada a evolução dessas disparidades de 2013 a 2021, com especial atenção para os impactos exacerbados pela pandemia de COVID-19 em 2021**, e como essas desigualdades foram ampliadas no ensino híbrido e remoto.

Este relatório está organizado da seguinte forma: primeiramente, serão apresentados os resultados da análise de desempenho dos alunos,

considerando as variáveis de raça, gênero e tipo de escola (pública ou privada). Em seguida, será realizada uma análise interseccional, explorando como essas variáveis se cruzam, com foco nas diferenças de desempenho entre meninos e meninas de diferentes grupos raciais, além de uma comparação detalhada entre alunos de escolas públicas e privadas. Por fim, o relatório abordará uma análise mais ampla das políticas públicas e trará recomendações baseadas na literatura acadêmica e nos dados empíricos levantados, visando à redução das desigualdades educacionais e a promoção de uma educação mais equitativa.

Os resultados apresentados neste relatório evidenciam desigualdades raciais e de gênero profundamente enraizadas no sistema educacional brasileiro, que se mantêm consistentes ao longo do tempo. Alunos de escolas públicas, particularmente aqueles pertencentes a grupos racializados, como pretos, pardos e indígenas, enfrentam desvantagens significativas em comparação com seus pares em escolas privadas, com essas disparidades sendo especialmente acentuadas em disciplinas como matemática. Além disso, as análises mostram que o gênero também desempenha um papel crucial nas diferenças de desempenho: meninas tendem a se destacar em português, enquanto os meninos apresentam melhor desempenho em matemática, o que reflete uma divisão de habilidades acadêmicas influenciada por fatores culturais e estruturais.

Esses resultados sublinham a complexidade das desigualdades educacionais no Brasil, mostrando que elas não são apenas uma questão de raça ou gênero isoladamente, mas de como esses fatores se combinam e interagem, muitas vezes reforçando desvantagens mútuas. As diferenças entre escolas públicas e privadas revelam que a qualidade e os recursos disponíveis no ambiente escolar têm um impacto direto no desempenho acadêmico dos alunos, e essa disparidade é ainda mais exacerbada para grupos racializados e de baixa renda. Para combater essas desigualdades de forma eficaz, é necessário adotar uma abordagem interseccional, que leve em conta as interações entre raça, gênero e o tipo de escola, bem como implementar políticas públicas que abordem essas desigualdades de maneira holística, garantindo acesso equitativo a oportunidades educacionais de qualidade para todos os estudantes.

Metodologia de Pesquisa

Para esta análise, utilizamos os microdados do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) dos anos de 2013, 2015, 2017, 2019 e 2021. O SAEB é a única fonte no contexto educacional brasileiro que permite uma análise racializada do desempenho dos alunos, pois inclui a autodeclaração racial, possibilitando a diferenciação das notas com base em raça. No entanto, essa classificação depende da autodeclaração dos próprios alunos, o que pode introduzir inconsistências, especialmente no 5º ano do Ensino Fundamental, onde a pouca idade dos alunos pode gerar confusão quanto à sua identificação racial. Essa dificuldade de categorização é notável na Prova Brasil, em que cerca de 30% dos alunos não declaram sua raça, refletindo os desafios inerentes à autodeclaração em um país com complexidades raciais tão profundas como o Brasil.

Embora a autodeclaração apresente limitações, o SAEB permanece a única ferramenta disponível que permite capturar as disparidades raciais no desempenho educacional em todo o país, justificando sua escolha para esta análise. As disparidades raciais que emergem nos resultados do SAEB são indicativas de problemas estruturais mais amplos, que afetam diretamente o acesso e a qualidade da educação para diferentes grupos raciais.

A análise é organizada por três segmentos educacionais – 5º ano, 9º ano e Ensino Médio – e cobre as edições de 2013, 2015, 2017, 2019 e 2021. É importante destacar que 2021 foi um ano atípico, marcado pela pandemia de COVID-19, durante a qual muitas escolas funcionaram em modelos híbridos, combinando ensino presencial e remoto. Esse cenário indiscutivelmente impactou o desempenho dos alunos, introduzindo um novo conjunto de desafios que vão desde o acesso desigual às tecnologias até a dificuldade em manter uma rotina de aprendizado estável. Mesmo assim, 2021 é o ano mais recente com microdados disponíveis para análise racializada, sendo crucial para entender os efeitos da pandemia e como ela amplificou as desigualdades já existentes.

Apesar das limitações na coleta de dados e no processo de autodeclaração, o SAEB é uma ferramenta valiosa para explorar as

desigualdades raciais no sistema educacional brasileiro. Os dados revelam disparidades significativas que refletem barreiras estruturais e históricas, como a falta de recursos em escolas que atendem predominantemente alunos negros, indígenas e pardos. Essas disparidades indicam a necessidade urgente de políticas públicas que promovam equidade racial e inclusão, visando melhorar a infraestrutura escolar, a capacitação docente e a formulação de estratégias pedagógicas que sejam sensíveis às questões raciais. Para isso, é fundamental que o uso de dados racializados continue a ser aprimorado, permitindo que as desigualdades educacionais sejam enfrentadas de maneira precisa e eficaz.

Diferenças por Raça

Anos Iniciais:

- **Dados Médios (2013-2021):**

Começamos nossa análise pelo resultado médio das notas dos alunos do 5º ano, no período de 2023 a 2021. Nossos resultados mostram que, em nível nacional, os alunos brancos destacam-se com as maiores médias de desempenho em ambas as disciplinas, Português e Matemática. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 4,51, enquanto os alunos pretos registraram a maior defasagem, com uma média de 3,96, representando uma diferença de -12%. Alunos pardos também apresentaram uma diferença em relação aos brancos, com uma média de 4,29 (-4%). Alunos amarelos e indígenas alcançaram médias de 4,05 e 4,31, com diferenças de -10% e -4%, respectivamente, em comparação aos alunos brancos.

Na disciplina de Matemática, o padrão de desempenho entre os grupos raciais permanece semelhante ao observado em Português, com os alunos brancos novamente liderando, com uma média de 4,56. Alunos pretos registraram uma defasagem de -9% em relação aos brancos, com uma média de 4,13. Alunos pardos e indígenas apresentaram médias de 4,36 e 4,32, com diferenças de -4% e -5%, respectivamente, em comparação aos alunos brancos, enquanto os alunos amarelos tiveram uma diferença de -7%, com uma média de 4,23. A tabela abaixo sumariza as notas de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
5º ano	Branco vs Pardos	Português	4,51	4,29	-4%
5º ano	Branco vs Pretos	Português	4,51	3,96	-12%
5º ano	Branco vs Amarelos	Português	4,51	4,05	-10%
5º ano	Branco vs Indígenas	Português	4,51	4,31	-4%
5º ano	Branco vs Pardos	Matemática	4,56	4,36	-4%
5º ano	Branco vs Preto	Matemática	4,56	4,13	-9%
5º ano	Branco vs Amarelos	Matemática	4,56	4,23	-7%
5º ano	Branco vs Indígenas	Matemática	4,56	4,32	-5%

Olhando especificamente para os resultados dos estados brasileiros, vemos que em Português, o estado do Amazonas apresentou uma das maiores diferenças negativas entre alunos brancos e pretos, com notas médias de 4,33 para brancos e 3,66 para pretos, resultando em uma diferença de -15%. Em Santa Catarina, a diferença entre brancos e pardos foi de -12%, com notas de 5,57 para brancos e 4,92 para pardos. O Amapá destacou-se com a maior disparidade para amarelos e indígenas, onde os alunos brancos tiveram média de 3,85, enquanto amarelos registraram 3,02 (-21%) e indígenas 2,96 (-21%). Em contraste, na Bahia, os pardos obtiveram uma média de 3,87, ligeiramente superior à média de 3,67 dos brancos (+6%), e em Sergipe, os alunos indígenas alcançaram uma média de 4,07, superando a dos brancos, que foi de 3,92 (+11%).

Na disciplina de Matemática, o Mato Grosso do Sul teve uma das maiores defasagens entre brancos e pretos, com notas de 4,97 para brancos e 3,71 para pretos, correspondendo a uma diferença de -25%. No Espírito Santo, a diferença foi mais acentuada entre brancos e pardos, com médias de 5,27 para brancos e 4,69 para pardos (-11%). Em Roraima, os brancos obtiveram média de 4,47, enquanto os amarelos registraram 3,29 (-24%) e os indígenas 3,51 (-22%). Na Paraíba e no Maranhão, as menores diferenças negativas foram observadas entre pardos e indígenas, respectivamente, com pardos na Paraíba registrando 3,97 em comparação aos 4,03 dos brancos (-2%) e indígenas no Maranhão obtendo 3,48, levemente abaixo dos 3,58 dos brancos (-3%). Esses resultados refletem a necessidade de políticas para reduzir as desigualdades de desempenho acadêmico entre diferentes grupos raciais no Brasil.

- **Dados de 2021:**

Olhando especificamente para o ano de 2021, último da nossa série temporal, vemos que no 5º ano, os alunos brancos destacam-se novamente com as maiores médias de desempenho em ambas as disciplinas, Português e Matemática, no Brasil. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 4,50, enquanto os alunos pretos apresentaram a maior defasagem, com uma média de 3,56, representando uma diferença de -21%. Alunos pardos, amarelos e

indígenas também mostraram diferenças significativas em relação aos brancos, com médias de 4,53 (+1%), 3,64 (-19%) e 4,07 (-9%), respectivamente.

Na disciplina de Matemática, o desempenho segue um padrão semelhante, com os alunos brancos alcançando uma média de 4,43. Os alunos pretos tiveram a maior defasagem com uma média de 3,70, representando uma diferença de -16% em comparação aos brancos. Alunos pardos, amarelos e indígenas também mostraram variações, com médias de 4,43 (0%), 3,81 (-14%) e 3,64 (-19%), respectivamente. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Disciplina	Nota dos Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
5º ano	Branco vs Pardos	Português	4,50	4,53	+1%
5º ano	Branco vs Pretos	Português	4,50	3,56	-21%
5º ano	Branco vs Amarelos	Português	4,50	3,64	-19%
5º ano	Branco vs Indígenas	Português	4,50	4,07	-9%
5º ano	Branco vs Pardos	Matemática	4,43	4,43	0%
5º ano	Branco vs Preto	Matemática	4,43	3,70	-16%
5º ano	Branco vs Amarelos	Matemática	4,43	3,81	-14%
5º ano	Branco vs Indígenas	Matemática	4,43	3,64	-19%

Ao analisar os dados de 2021 por estados, observa-se que em Português o Amapá apresentou uma das maiores diferenças negativas entre alunos brancos e pretos, com médias de 3,98 para brancos e 3,14 para pretos, resultando em uma diferença de -21%. No Pará encontramos uma disparidade maior na comparação de alunos brancos com amarelos e indígenas, onde os brancos registraram média de 3,58, enquanto amarelos e indígenas apresentaram médias de 2,80 e 2,97, respectivamente, resultando em diferenças de -22% e -17%. Em contraste, em Roraima, os alunos pardos obtiveram uma média de 4,61, ligeiramente superior à média de 4,41 dos brancos (+5%).

Na disciplina de Matemática, o Amazonas teve uma das maiores defasagens entre brancos e pretos, com notas médias de 4,30 para brancos e 3,43 para pretos, correspondendo a uma diferença de -20%. Em Goiás, a diferença foi mais acentuada entre brancos e pardos, com médias de 4,80 para brancos e 3,94 para pardos (-18%). Em Roraima, os brancos obtiveram média de 4,32, enquanto os amarelos e indígenas registraram médias de 3,49 e 3,22, com

diferenças de -19% e -26%, respectivamente. No Distrito Federal, a diferença entre alunos brancos e indígenas foi reduzida, com indígenas registrando 4,90 em comparação aos 5,21 dos brancos (-6%).

Anos Finais:

▪ Dados Médios (2013-2021):

No 9º ano, no Brasil, os alunos brancos destacam-se com as maiores médias de desempenho em ambas as disciplinas, Português e Matemática. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 4,29, enquanto os alunos pretos registraram a maior defasagem, com uma média de 3,55, representando uma diferença de -16%. Alunos pardos também apresentaram uma diferença em relação aos brancos, com uma média de 4,07 (-5%). Alunos amarelos e indígenas alcançaram médias de 3,74 e 3,80, com diferenças de -12% para ambos, em comparação aos alunos brancos.

Na disciplina de Matemática, o padrão de desempenho entre os grupos raciais permanece semelhante ao observado em Português, com os alunos brancos novamente liderando, com uma média de 4,07. Alunos pretos registraram uma defasagem de -13% em relação aos brancos, com uma média de 3,51. Alunos pardos e indígenas apresentaram médias de 3,91 e 3,65, com diferenças de -4% e -11%, respectivamente, em comparação aos alunos brancos, enquanto os alunos amarelos tiveram uma diferença de -10%, com uma média de 3,66. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Disciplina	Nota dos Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
9º ano	Brancos vs Pardos	Português	4,29	4,07	-5%
9º ano	Brancos vs Pretos	Português	4,29	3,55	-16%
9º ano	Brancos vs Amarelos	Português	4,29	3,74	-12%
9º ano	Brancos vs Indígenas	Português	4,29	3,80	-12%
9º ano	Brancos vs Pardos	Matemática	4,07	3,91	-4%
9º ano	Branco vs Preto	Matemática	4,07	3,51	-13%
9º ano	Brancos vs Amarelos	Matemática	4,07	3,66	-10%

9º ano	Branços vs Indígenas	Matemática	4,07	3,65	-11%
--------	----------------------	------------	------	------	------

Em Português, o estado do Amapá apresentou uma das maiores diferenças negativas entre alunos brancos e pretos, com notas médias de 3,34 para brancos e 2,61 para pretos, resultando em uma diferença de -22%. Em Santa Catarina, a diferença entre brancos e pardos foi de -21%, com notas de 5,22 para brancos e 4,11 para pardos. O Amapá também se destacou com a maior disparidade para amarelos e indígenas, onde os alunos brancos tiveram média de 3,34, enquanto amarelos registraram 1,94 (-42%) e indígenas 1,68 (-37%). Em contraste, no Pará, os amarelos alcançaram uma média de 3,15, ligeiramente superior à dos brancos, que foi de 3,00 (+5%).

Na disciplina de Matemática, o Mato Grosso do Sul apresentou uma das maiores defasagens entre brancos e pretos, com notas de 4,98 para brancos e 2,57 para pretos, correspondendo a uma diferença de -48%. No Espírito Santo, a diferença foi mais acentuada entre brancos e pardos, com médias de 4,98 para brancos e 3,28 para pardos (-21%). Em Roraima, os brancos obtiveram média de 3,69, enquanto os amarelos registraram 1,82 (-51%) e os indígenas 1,91 (-44%). No Pará, as menores diferenças foram observadas, com os alunos indígenas alcançando uma média de 2,68, levemente acima dos 2,57 dos brancos (+4%).

- **Dados de 2021:**

Em 2021, no 9º ano, o cenário de desempenho acadêmico no Brasil continua a destacar as desigualdades raciais, especialmente em Português e Matemática. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 5,27, enquanto os alunos pretos registraram a maior defasagem, com uma média de 3,85, representando uma diferença de -27%. Alunos pardos, amarelos e indígenas também apresentaram diferenças consideráveis em relação aos brancos, com médias de 4,73 (-10%), 4,33 (-17%) e 3,72 (-29%), respectivamente. Na disciplina de Matemática, o padrão de desempenho mantém-se semelhante, com os alunos brancos alcançando uma média de 4,36. Alunos pretos tiveram a maior defasagem, com uma média de 3,27, representando uma diferença de -25% em comparação aos brancos. Alunos pardos, amarelos e indígenas também

mostraram variações, com médias de 3,97 (-8%), 3,66 (-16%) e 3,17 (-27%), respectivamente.

Esses dados reforçam a presença de desigualdades raciais no desempenho acadêmico, especialmente entre alunos brancos e os grupos racialmente desfavorecidos, com as maiores diferenças observadas entre brancos e pretos, bem como brancos e indígenas. Os resultados evidenciam a necessidade de políticas de equidade educacional, voltadas para reduzir essas disparidades e promover um ambiente mais inclusivo e igualitário. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Categoria	Nota dos Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
9º ano	Branco vs Pardos	Português	5,27	4,73	-10%
9º ano	Branco vs Pretos	Português	5,27	3,85	-27%
9º ano	Branco vs Amarelos	Português	5,27	4,33	-17%
9º ano	Branco vs Indígenas	Português	5,27	3,72	-29%
9º ano	Branco vs Pardos	Matemática	4,36	3,97	-8%
9º ano	Branco vs Preto	Matemática	4,36	3,27	-25%
9º ano	Branco vs Amarelos	Matemática	4,36	3,66	-16%
9º ano	Branco vs Indígenas	Matemática	4,36	3,17	-27%

As diferenças regionais também são expressivas. No estado do Amazonas, a maior disparidade em Português foi entre brancos e indígenas, com uma diferença de -53%, onde os alunos brancos obtiveram média de 5,00 e os indígenas, 2,36. Em Matemática, Roraima se destacou negativamente, com alunos brancos alcançando uma média de 4,18 e os indígenas apenas 1,21, representando uma diferença de -71%. Em contrapartida, estados como o Acre e Rondônia apresentaram disparidades menores entre brancos e pardos, com diferenças em torno de -7%. Essas variações regionais reforçam a necessidade de políticas educacionais ajustadas às especificidades locais para enfrentar as desigualdades raciais no aprendizado de maneira eficaz.

Ensino Médio

- **Dados Médios (2013-2021):**

No Ensino Médio, no Brasil, os alunos brancos continuam a apresentar as maiores médias de desempenho em ambas as disciplinas, Português e Matemática. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 4,76, enquanto os alunos pretos registraram a maior defasagem, com uma média de 3,56, representando uma diferença de -25%. Alunos pardos também apresentaram uma diferença em relação aos brancos, com uma média de 3,95 (-17%). Alunos amarelos e indígenas alcançaram médias de 3,97 e 3,25, com diferenças de -16% e -33%, respectivamente, em comparação aos alunos brancos.

Na disciplina de Matemática, o padrão de desempenho entre os grupos raciais segue o observado em Português, com os alunos brancos liderando, com uma média de 4,10. Alunos pretos registraram uma defasagem de -23% em relação aos brancos, com uma média de 3,13. Alunos pardos e indígenas apresentaram médias de 3,45 e 2,90, com diferenças de -16% e -31%, respectivamente, em comparação aos alunos brancos, enquanto os alunos amarelos tiveram uma diferença de -16%, com uma média de 3,47. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Categoria	Nota dos Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
Médio	Brancos vs Pardos	Português	4,76	3,95	-17%
Médio	Brancos vs Pretos	Português	4,76	3,56	-25%
Médio	Brancos vs Amarelos	Português	4,76	3,97	-16%
Médio	Brancos vs Indígenas	Português	4,76	3,25	-33%
Médio	Brancos vs Pardos	Matemática	4,10	3,45	-16%
Médio	Branco vs Preto	Matemática	4,10	3,13	-23%
Médio	Brancos vs Amarelos	Matemática	4,10	3,47	-16%
Médio	Brancos vs Indígenas	Matemática	4,10	2,90	-31%

Em Português, o estado do Mato Grosso apresentou uma das maiores diferenças negativas entre alunos brancos e pretos, com notas médias de 4,00 para brancos e 2,93 para pretos, resultando em uma diferença de -27%. Em Alagoas, a diferença entre brancos e pardos foi de -19%, com notas de 3,18 para brancos e 2,58 para pardos. O Acre também mostrou uma grande disparidade para indígenas, onde os alunos brancos tiveram média de 3,67, enquanto os indígenas registraram 2,32 (-37%).

Na disciplina de Matemática, o Mato Grosso também registrou uma das maiores defasagens para alunos pretos, com uma diferença de -28%, e para

indígenas, com -48% em relação aos brancos (média de 4,10 para brancos e 2,12 para indígenas). Em Roraima, os alunos amarelos obtiveram uma média de 2,68, apresentando uma defasagem de -23% em relação aos brancos.

- **Dados de 2021:**

Em 2021, no ensino médio, o cenário de desempenho acadêmico no Brasil continua a evidenciar as desigualdades raciais, especialmente em Português e Matemática. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 3,88, enquanto os alunos indígenas registraram a maior defasagem, com uma média de 2,28, representando uma diferença de -42%. Alunos pretos, pardos e amarelos também apresentaram diferenças significativas em relação aos brancos, com médias de 3,01 (-22%), 3,29 (-15%) e 3,11 (-20%), respectivamente.

Na disciplina de Matemática, o padrão de desempenho segue semelhante, com os alunos brancos alcançando uma média de 3,00. Alunos indígenas apresentaram novamente a maior defasagem, com uma média de 1,84, representando uma diferença de -39% em comparação aos brancos. Alunos pretos, pardos e amarelos também mostraram variações, com médias de 2,28 (-24%), 2,57 (-14%) e 2,40 (-20%), respectivamente. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Comparação	Categoria	Nota dos Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
Médio	Brancos vs Pardos	Português	3,88	3,29	-15%
Médio	Brancos vs Pretos	Português	3,88	3,01	-22%
Médio	Brancos vs Amarelos	Português	3,88	3,11	-20%
Médio	Brancos vs Indígenas	Português	3,88	2,28	-42%
Médio	Brancos vs Pardos	Matemática	3,00	2,57	-14%
Médio	Branco vs Preto	Matemática	3,00	2,28	-24%
Médio	Brancos vs Amarelos	Matemática	3,00	2,40	-20%
Médio	Brancos vs Indígenas	Matemática	3,00	1,84	-39%

Ao analisar os dados de 2021 para o 9º ano, observamos disparidades significativas entre os grupos raciais em diferentes estados, tanto em Português quanto em Matemática. No estado do Amazonas, houve uma das maiores

defasagens entre alunos brancos e pretos em Português, com uma diferença de -32%, onde alunos brancos obtiveram média de 5,00 e alunos pretos de 3,42. Em Roraima, as diferenças foram ainda mais extremas, especialmente entre brancos e indígenas, com uma defasagem de -69%, com alunos brancos apresentando média de 4,96 e indígenas apenas 1,55. Em contraste, no Rio Grande do Norte, as diferenças entre brancos e pardos foram menores, com uma defasagem de -12% em Português.

Na disciplina de Matemática, o Mato Grosso do Sul apresentou uma das maiores defasagens entre alunos brancos e pretos, com uma diferença de -29%, onde alunos brancos registraram uma média de 5,65 e alunos pretos 4,02. No entanto, Roraima novamente se destacou com a maior disparidade entre brancos e indígenas, onde alunos brancos tiveram média de 4,18, enquanto indígenas apresentaram 1,21, uma diferença de -71%. Em Goiás, a diferença entre alunos brancos e pardos foi uma das menores, com uma defasagem de apenas -8%.

Comentários:

As desigualdades raciais evidenciadas pelos dados do SAEB entre 2013 e 2021 são resultado de fatores históricos, estruturais e sociais profundamente enraizados que impactam diretamente o sistema educacional brasileiro. Essas disparidades refletem um legado de desigualdade socioeconômica, oriundo do período colonial e da escravidão, que influencia diretamente o acesso a recursos educacionais e oportunidades de qualidade. Estudos mostram que alunos brancos, de maneira geral, têm mais acesso a escolas bem equipadas, professores mais qualificados e ambientes de aprendizado mais favoráveis, enquanto alunos pretos, pardos, indígenas e amarelos enfrentam obstáculos adicionais, como a falta de recursos em escolas públicas, preconceito racial e discriminação, além de barreiras socioeconômicas que afetam seu desempenho acadêmico.

A literatura acadêmica aponta que, desde cedo, alunos de minorias raciais enfrentam desvantagens no acesso a uma educação de qualidade. Um estudo recente mostrou que crianças negras têm menos probabilidade de frequentar escolas com infraestrutura adequada e professores bem remunerados. Essa desigualdade já é evidente no 5º ano, onde a diferença significativa entre alunos

brancos e outros grupos raciais, especialmente pretos e indígenas, demonstra que essas disparidades começam cedo. O desnível de acesso a recursos educacionais adequados no início da vida escolar leva a desvantagens cumulativas que, com o avanço dos anos, tornam-se mais acentuadas. No 9º ano e no Ensino Médio, essas disparidades se ampliam, refletindo a falta de políticas eficazes para corrigir as desigualdades estruturais que marcam o sistema educacional brasileiro. A segregação educacional também ocorre por questões geográficas e raciais, com escolas situadas em áreas de periferia e com maior concentração de alunos negros e indígenas apresentando piores condições de ensino.

A análise dos dados de 2021, um ano fortemente impactado pela pandemia de COVID-19, mostra que as desigualdades raciais no desempenho escolar não apenas persistiram, mas se intensificaram em algumas áreas. A pandemia exacerbou muitas das dificuldades já enfrentadas por alunos de grupos racializados, principalmente devido à falta de acesso a tecnologias necessárias para o ensino remoto. Estudos anteriores destacaram que as comunidades mais vulneráveis, em sua maioria compostas por alunos negros e indígenas, foram as que mais sofreram com a perda de aprendizado durante o ensino remoto. A impossibilidade de acessar o ensino digital, combinada com a falta de apoio psicossocial em casa, levou a uma ampliação das lacunas de desempenho entre os alunos. No 5º ano, as disparidades entre alunos brancos e pretos, e entre brancos e amarelos, foram particularmente visíveis, evidenciando que esses grupos enfrentaram dificuldades exacerbadas durante o período de ensino híbrido. Já no 9º ano e no Ensino Médio, os dados mostram que as lacunas se aprofundaram, especialmente para os alunos indígenas e pretos, que registraram as maiores diferenças de desempenho em disciplinas como português e matemática.

A persistência dessas desigualdades educacionais decorre de uma combinação de fatores, incluindo a discriminação racial enraizada, a segregação social e econômica, além da ausência de políticas públicas eficazes que abordem essas questões de forma estrutural. A herança do racismo estrutural no Brasil permeia não só o sistema educacional, mas também os recursos e oportunidades que são disponibilizados ou negados a diferentes grupos raciais.

Para mitigar essas lacunas, é fundamental que as políticas públicas promovam uma distribuição mais equitativa dos recursos educacionais, com foco

no fortalecimento das escolas que atendem predominantemente alunos de grupos racialmente marginalizados. Investimentos em infraestrutura escolar, capacitação docente e programas de apoio psicopedagógico são essenciais para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo. Políticas de ação afirmativa, como a introdução de programas de tutoria e reforço escolar voltados para esses grupos, têm mostrado resultados positivos na redução de disparidades educacionais. Além disso, a integração de uma pedagogia antirracista no currículo escolar é crucial para combater preconceitos e promover um aprendizado que valorize a diversidade cultural e racial, fornecendo aos alunos as ferramentas necessárias para superar as barreiras impostas pelo racismo estrutural.

Diferenças por Sexo

- **Dados Médios (2013-2021):**

A análise dos dados de desempenho por sexo no Brasil em 2021 revela um padrão consistente em que as meninas superam os meninos em Português em todas as séries, enquanto os meninos tendem a apresentar desempenho levemente superior em Matemática, com essa diferença se intensificando no Ensino Médio.

No 5º ano, as meninas obtiveram uma média de 4,64 em Português, o que representa uma vantagem de +17% em relação aos meninos, que tiveram média de 4,03. Esses dados indicam que, desde os primeiros anos do ensino fundamental, as meninas desenvolvem habilidades linguísticas mais rapidamente. Em Matemática, os meninos alcançaram uma média de 4,38, ligeiramente à frente das meninas, que tiveram 4,19, resultando em uma diferença de -5%.

No 9º ano, a vantagem das meninas em Português aumenta para +18%, com uma média de 4,27 em comparação aos 3,68 dos meninos. Essa ampliação da lacuna de gênero em Português ao longo da escolaridade sugere que fatores como métodos de ensino e interesses podem influenciar positivamente o desempenho contínuo das meninas nessa área. Em Matemática, os meninos ainda lideram com uma diferença de -7%, com uma média de 3,96 contra 3,73 das meninas, mantendo uma leve vantagem em habilidades matemáticas.

No Ensino Médio, o padrão de diferença de desempenho entre os gêneros se consolida. As meninas mantêm uma vantagem em Português com uma diferença de +20%, com média de 4,46 contra 3,72 dos meninos. Em Matemática, a superioridade dos meninos se torna mais evidente, com uma diferença de -13%, com média de 3,84 para os meninos contra 3,38 para as meninas. A tabela abaixo sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Disciplina	Meninos	Meninas	Diferença Percentual
-------	------------	---------	---------	----------------------

5º Ano	Português	4,03	4,64	+17%
5º Ano	Matemática	4,38	4,19	-5%
9º Ano	Português	3,68	4,27	+18%
9º Ano	Matemática	3,96	3,73	-7%
Ensino Médio	Português	3,72	4,46	+20%
Ensino Médio	Matemática	3,84	3,38	-13%

As variações entre os estados brasileiros em relação ao desempenho acadêmico por gênero demonstram diferenças significativas, tanto em Português quanto em Matemática, com as meninas geralmente apresentando melhor desempenho em Português e os meninos em Matemática, ainda que com algumas exceções regionais.

No 5º ano, a maior diferença em Português a favor das meninas foi observada no estado do Maranhão, com uma diferença de +20% (3,58 para meninas contra 2,98 para meninos). Em outros estados, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, essa diferença foi menor, mas ainda expressiva, com as meninas superando os meninos em aproximadamente +10%. Em Matemática, a vantagem dos meninos foi mais sutil, mas ainda perceptível em alguns estados, como no Paraná, onde a diferença foi de -4% a favor dos meninos.

No 9º ano, as disparidades em Português aumentam em alguns estados. No Piauí, por exemplo, as meninas apresentam uma média de 3,60, o que representa uma vantagem de +34% sobre os meninos, que alcançaram uma média de 2,69. Esse padrão se repete em outros estados, como Alagoas e Bahia, onde as meninas superam os meninos com uma diferença de +34% e +37%, respectivamente. Em Matemática, os meninos mantêm uma liderança modesta na maioria dos estados, com as maiores diferenças a favor dos meninos observadas em estados como Pernambuco e Alagoas, onde essa diferença chega a -18%.

No Ensino Médio, as diferenças de gênero se tornam ainda mais pronunciadas em alguns estados. No Mato Grosso, por exemplo, a diferença em Português é de +41% a favor das meninas (4,10 para meninas contra 2,90 para meninos), indicando uma tendência de maior desigualdade de gênero nas habilidades linguísticas no final do ciclo escolar. Em Matemática, o desempenho dos meninos se destaca no Distrito Federal, onde a diferença chega a -14%, com uma média de 4,08 para meninos e 3,62 para meninas.

▪ **Dados de 2021:**

A análise dos dados de desempenho por gênero no Brasil em 2021 confirma o padrão de que as meninas superam os meninos em Português em todas as séries, enquanto os meninos apresentam um desempenho ligeiramente superior em Matemática, com essa diferença se intensificando no Ensino Médio.

No 5º ano, as meninas obtiveram uma média de 4,62 em Português, uma vantagem de +15% em relação aos meninos, que alcançaram uma média de 4,05. Isso indica um desenvolvimento mais rápido das habilidades linguísticas pelas meninas desde os primeiros anos escolares. Em Matemática, os meninos registraram uma média de 4,34, ligeiramente superior às meninas, que obtiveram 4,24, o que representa uma diferença de -2%.

No 9º ano, a diferença em Português aumenta para +23% a favor das meninas, com uma média de 5,14 contra 4,20 dos meninos. Esse crescimento na lacuna de gênero sugere uma influência contínua de fatores pedagógicos e culturais que beneficiam o desempenho das meninas em habilidades linguísticas. Em Matemática, os meninos mantêm uma leve vantagem, com uma média de 4,18 contra 3,71 das meninas, resultando em uma diferença de -11%.

No Ensino Médio, o padrão de disparidade se consolida ainda mais. As meninas apresentam uma vantagem em Português de +16%, com uma média de 3,60, enquanto os meninos ficaram com 3,12. Em Matemática, a vantagem dos meninos é mais acentuada, com uma diferença de -14%, com média de 2,84 para os meninos e 2,46 para as meninas. A tabela 8 sumariza os resultados de cada um dos grupos analisados.

Série	Disciplina	Meninos	Meninas	Diferença Percentual
5º Ano	Português	4,05	4,62	+15%
5º Ano	Matemática	4,34	4,24	-2%
9º Ano	Português	4,20	5,14	+23%
9º Ano	Matemática	4,18	3,71	-11%
Ensino Médio	Português	3,12	3,60	+16%
Ensino Médio	Matemática	2,84	2,46	-14%

As variações regionais entre os estados brasileiros no desempenho acadêmico por gênero também revelam diferenças significativas. No 5º ano, a maior disparidade em Português a favor das meninas foi registrada no Maranhão, com uma diferença de +22% (3,75 para as meninas contra 3,07 para os meninos). Em outros estados, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, essa diferença foi de aproximadamente +10%. Em Matemática, a vantagem dos meninos foi menor, mas ainda perceptível, como no Paraná, onde a diferença foi de -4% a favor dos meninos.

No 9º ano, as disparidades em Português aumentam em alguns estados. No Piauí, as meninas tiveram uma média de 4,22, representando uma vantagem de +34% sobre os meninos, com média de 2,69. Esse padrão se repete em Alagoas e Bahia, onde as meninas superaram os meninos com uma diferença de +34% e +37%, respectivamente. Em Matemática, os meninos mantêm uma liderança modesta, com as maiores diferenças a favor dos meninos observadas em Pernambuco e Alagoas, onde a diferença alcança -18%.

No Ensino Médio, as diferenças de gênero se tornam ainda mais pronunciadas em estados como o Mato Grosso, onde a diferença em Português é de +41% a favor das meninas (4,10 para meninas contra 2,90 para meninos). Em Matemática, o Distrito Federal se destaca com uma vantagem para os meninos de -14%, com média de 4,08 para os meninos e 3,62 para as meninas.

Comentários:

Esses dados sugerem que as habilidades linguísticas e verbais tendem a ser mais desenvolvidas entre as meninas, enquanto os meninos demonstram maior proficiência em áreas relacionadas ao raciocínio lógico e quantitativo, como a matemática. Essa diferença de desempenho entre os gêneros tem sido amplamente documentada na literatura acadêmica e pode ser influenciada por uma combinação de fatores culturais, pedagógicos e sociais. Estudos apontam que, desde cedo, meninos e meninas são socializados de maneiras distintas, o que pode influenciar suas preferências e o desenvolvimento de habilidades específicas. Meninas costumam ser

incentivadas a desenvolver habilidades de comunicação e cooperação, enquanto os meninos são mais frequentemente incentivados a explorar habilidades analíticas e competitivas, o que pode impactar o desempenho escolar em disciplinas como português e matemática.

Além disso, as expectativas de gênero presentes no ambiente escolar podem reforçar essas diferenças. Professores e colegas de classe podem, mesmo que inconscientemente, influenciar o desempenho acadêmico dos estudantes com base em estereótipos de gênero, promovendo atitudes que favorecem o desenvolvimento de habilidades verbais nas meninas e o raciocínio quantitativo nos meninos. Esses estereótipos são reforçados pelas representações culturais que associam o sucesso em matemática e ciências às figuras masculinas, enquanto o domínio da linguagem é frequentemente vinculado às figuras femininas.

No entanto, a identificação dessas disparidades de desempenho entre meninos e meninas também oferece uma oportunidade para a criação de abordagens pedagógicas mais personalizadas e equitativas. Em vez de reforçar estereótipos de gênero, as escolas podem promover a equidade ao incentivar todos os alunos a explorar suas capacidades de forma ampla e sem limitações impostas por expectativas culturais. A adoção de metodologias de ensino que integrem atividades interdisciplinares e enfoquem o desenvolvimento equilibrado de competências verbais e quantitativas pode ajudar a reduzir as lacunas de desempenho. Dessa forma, a educação pode se tornar um instrumento para desconstruir desigualdades de gênero e potencializar as habilidades individuais de cada aluno.

Ao reconhecer e abordar essas diferenças, o sistema educacional pode fortalecer áreas onde cada grupo encontra mais dificuldades, promovendo uma formação mais completa e equitativa. Isso também requer uma conscientização maior por parte de educadores, pais e gestores, para que intervenções adequadas possam ser aplicadas, evitando a perpetuação de estereótipos que limitam o desenvolvimento acadêmico e social de meninos e meninas.

Diferenças por Tipo de Escola

- **Dados Médios (2013-2021):**

Os dados de desempenho médio dos alunos de escolas públicas e privadas no Brasil, considerando o período de 2013 a 2021, evidenciam uma disparidade contínua entre esses dois tipos de instituição, com alunos de escolas privadas apresentando desempenho superior em Português e Matemática. Isso sugere que fatores como infraestrutura, acesso a materiais didáticos e suporte pedagógico nas escolas privadas têm um impacto significativo e positivo no aprendizado dos estudantes ao longo do tempo.

No 5º ano, as diferenças já são perceptíveis. Em Português, a média dos alunos de escolas privadas é de 6,31, enquanto a média dos alunos de escolas públicas é de 4,34, resultando em uma vantagem de +50% para as escolas privadas. Em Matemática, as escolas privadas apresentam uma média de 6,04 em comparação com 4,30 nas escolas públicas, representando uma diferença de +46%. Esses resultados indicam uma vantagem inicial para os alunos das escolas privadas, que recebem uma base mais sólida nos primeiros anos do ensino fundamental.

No 9º ano, essa diferença se torna ainda mais acentuada. Em Português, alunos de escolas privadas obtêm uma média de 6,02, enquanto alunos de escolas públicas têm uma média de 3,94, uma disparidade de +60%. Em Matemática, a diferença é de +56%, com médias de 5,67 nas escolas privadas contra 3,81 nas públicas. Esses dados sugerem que, ao longo da escolaridade, o ambiente e os recursos das escolas privadas ampliam as oportunidades de aprendizado em disciplinas de maior complexidade.

No Ensino Médio, as diferenças atingem seu pico, refletindo o impacto acumulado de um ensino mais estruturado e com melhores recursos nas escolas privadas. Em Português, alunos de escolas privadas apresentam uma média de 6,55, enquanto os alunos de escolas públicas alcançam 3,96, uma diferença de +71%. Em Matemática, a disparidade é de +77%, com uma média de 5,95 nas escolas privadas em comparação a 3,45 nas públicas. Esses resultados demonstram que o diferencial de ensino se consolida no final do ensino básico,

proporcionando aos alunos de escolas privadas uma melhor preparação para o ensino superior e o mercado de trabalho. A tabela a seguir resume as diferenças de desempenho entre alunos de escolas públicas e privadas no período analisado:

Série	Comparação	Disciplina	Escola Pública	Escola Privada	Diferença Percentual
5º Ano	Pública vs Privada	Português	4,34	6,31	+50%
5º Ano	Pública vs Privada	Matemática	4,30	6,04	+46%
9º Ano	Pública vs Privada	Português	3,94	6,02	+60%
9º Ano	Pública vs Privada	Matemática	3,81	5,67	+56%
Ensino Médio	Pública vs Privada	Português	3,96	6,55	+71%
Ensino Médio	Pública vs Privada	Matemática	3,45	5,95	+77%

A comparação entre os estados brasileiros sobre o desempenho médio de alunos de escolas públicas e privadas no período de 2013 a 2021 mostra uma disparidade significativa em várias regiões, destacando uma vantagem consistente dos alunos das escolas privadas tanto em Português quanto em Matemática. Essa diferença de desempenho entre os tipos de escola varia de estado para estado, refletindo contextos regionais distintos em termos de recursos educacionais, infraestrutura e práticas pedagógicas.

No 5º ano, o Maranhão apresenta uma das maiores diferenças em Português, com alunos de escolas privadas alcançando uma média de 5,34, enquanto os de escolas públicas ficam em 3,23, uma diferença de +65%. Já em Matemática, a disparidade é ainda mais pronunciada no Piauí, onde alunos de escolas privadas têm uma média de 5,78, em comparação com 4,02 nas escolas públicas, uma diferença de +44%.

No 9º ano, o cenário mostra disparidades amplificadas em estados como Roraima e Alagoas. Em Português, os alunos de escolas privadas em Roraima têm uma média de 6,68, comparada com 2,96 nas públicas, uma diferença expressiva de +125%. Em Matemática, Alagoas também apresenta uma diferença significativa, com uma média de 5,31 para alunos de escolas privadas contra 2,81 nas públicas, resultando em uma disparidade de +89%.

No Ensino Médio, as diferenças atingem seu ápice em alguns estados. No Distrito Federal, por exemplo, a diferença em Português é de +112%, com uma média de 4,78 para alunos de escolas privadas contra 2,25 nas públicas. Em Matemática, o Mato Grosso registra uma diferença de +92%, com alunos de

escolas privadas alcançando uma média de 4,76 em comparação com 2,47 nas públicas.

- **Dados de 2021:**

Olhando especificamente para os dados de 2021 vemos que no 5º ano, a diferença de desempenho já é notável. Em Português, os alunos de escolas privadas têm uma média de 6,13, enquanto os alunos de escolas públicas registram uma média de 4,26, resultando em uma vantagem de +45% para as escolas privadas. Em Matemática, a média dos alunos das escolas privadas é de 5,87, comparada com 4,24 nas escolas públicas, uma diferença de +39%. Esses resultados sugerem que os alunos das escolas privadas começam sua jornada escolar com uma base mais sólida, especialmente nas habilidades de leitura e cálculo.

No 9º ano, a diferença entre os desempenhos se torna ainda mais acentuada. Em Português, a média dos alunos de escolas privadas é de 7,37, enquanto a média nas escolas públicas é de 4,57, representando uma disparidade de +63%. Em Matemática, a vantagem das escolas privadas é de +70%, com médias de 6,45 nas privadas e 3,84 nas públicas. Esses dados mostram que, à medida que avançam na escolaridade, os alunos das escolas privadas tendem a se beneficiar mais dos recursos educacionais, o que se reflete em seu desempenho acadêmico.

No Ensino Médio, as diferenças chegam ao ápice, evidenciando o impacto acumulado de um ensino mais estruturado e com mais recursos nas escolas privadas. Em Português, a média dos alunos de escolas privadas é de 5,30, enquanto nas escolas públicas é de 3,31, uma diferença de +62%. Em Matemática, a diferença é ainda mais marcante, com alunos de escolas privadas alcançando uma média de 4,55, em contraste com 2,56 nas escolas públicas, resultando em uma disparidade de +78%. Esses números indicam que, ao final do ensino básico, os alunos de escolas privadas estão melhor preparados para o ensino superior e o mercado de trabalho. A tabela abaixo sumariza os resultados.

Série	Comparação	Categoria	Escola Pública	Escola Privada	Diferença Percentual
-------	------------	-----------	----------------	----------------	----------------------

5º Ano	Pública vs Privada	Português	4,26	6,13	+45%
5º Ano	Pública vs Privada	Matemática	4,24	5,87	+39%
9º Ano	Pública vs Privada	Português	4,57	7,37	+63%
9º Ano	Pública vs Privada	Matemática	3,84	6,45	+70%
Ensino Médio	Pública vs Privada	Português	3,31	5,30	+62%
Ensino Médio	Pública vs Privada	Matemática	2,56	4,55	+78%

A análise dos dados de desempenho por estado em 2021 revela disparidades significativas entre alunos de escolas públicas e privadas em todas as etapas da educação básica. No 5º ano, estados como Rondônia e Acre apresentam diferenças expressivas. Em Rondônia, a média de Português é de 5,78 nas escolas privadas contra 4,08 nas públicas, representando uma diferença de +42%, enquanto em Matemática a diferença é de +34% (5,45 nas privadas contra 4,05 nas públicas). No Acre, a disparidade é ainda maior, com alunos de escolas privadas registrando uma média de 6,51 em Português, comparada a 4,31 nas escolas públicas (+51%), e uma média de 6,10 em Matemática contra 4,21 nas públicas (+45%).

No 9º ano, as diferenças se tornam mais acentuadas em alguns estados. Em Roraima, a média de Português nas escolas privadas é de 7,98, enquanto nas públicas é de 4,09, resultando em uma diferença de +95%. Em Matemática, essa disparidade é ainda maior, com as escolas privadas alcançando uma média de 6,66, contra 3,38 nas públicas (+97%). O Maranhão também se destaca nesse aspecto, com uma diferença de +97% em Português (6,47 nas privadas e 3,28 nas públicas) e +114% em Matemática (5,49 nas privadas contra 2,56 nas públicas). O Rio Grande do Norte acompanha essa tendência, com uma diferença de +72% em Português (7,10 nas privadas contra 4,13 nas públicas) e +82% em Matemática (6,08 nas privadas contra 3,35 nas públicas).

No Ensino Médio, as disparidades atingem seu ápice em alguns estados, refletindo o acúmulo de desvantagens ao longo da trajetória escolar dos alunos de escolas públicas. No Distrito Federal, por exemplo, a média em Português nas escolas privadas é de 5,72, enquanto nas públicas é de 3,31, o que representa uma diferença de +112%. Em Matemática, a diferença é de +81%, com as escolas privadas registrando uma média de 5,11 contra 2,99 nas públicas. Mato Grosso também exibe diferenças substanciais, com uma média de 5,01 em Português nas privadas e 3,14 nas públicas (+60%), e em Matemática, com 4,42 nas privadas contra 2,43 nas públicas (+82%). Roraima segue a mesma

tendência, com uma diferença de +89% em Português (5,49 nas privadas contra 2,91 nas públicas) e +100% em Matemática (4,46 nas privadas contra 2,22 nas públicas).

Comentários:

A análise dos dados revela uma disparidade significativa entre o desempenho dos alunos de escolas públicas e privadas no Brasil, o que reflete as desigualdades estruturais do sistema educacional. As escolas privadas consistentemente apresentam resultados superiores em todas as séries e disciplinas, desde o 5º ano até o Ensino Médio. Essas diferenças são frequentemente atribuídas às condições mais favoráveis oferecidas pelas escolas privadas, que incluem infraestrutura de melhor qualidade, turmas menores, maior acesso a tecnologias, materiais didáticos atualizados e professores mais qualificados. Além disso, as escolas privadas geralmente atendem alunos provenientes de famílias com maior capital econômico e cultural, o que também contribui para o desempenho superior. A relação entre o capital econômico e o desempenho escolar é amplamente documentada na literatura, onde se observa que as famílias com melhores condições financeiras conseguem prover um ambiente educacional mais estimulante para os filhos, além de garantir acesso a recursos extracurriculares.

Outro fator que agrava essa disparidade é a forma como o financiamento da educação pública no Brasil é distribuído. O financiamento educacional nas escolas públicas é insuficiente para atender às demandas crescentes de uma população estudantil numerosa, o que resulta em infraestruturas inadequadas, materiais defasados e professores sobrecarregados. Essa insuficiência de recursos é mais sentida em escolas situadas em áreas periféricas, onde o acesso a tecnologias e programas de apoio educacional é limitado.

A literatura também destaca que as desigualdades entre escolas públicas e privadas se aprofundam ao longo dos anos escolares. Enquanto no 5º ano a diferença já é significativa, no 9º ano e no Ensino Médio, essa lacuna se amplia, o que indica que os alunos de escolas públicas enfrentam dificuldades cumulativas que impactam negativamente seu desempenho. Essas dificuldades podem estar relacionadas tanto à qualidade do ensino quanto ao acesso desigual

a recursos educacionais. Os alunos das escolas públicas, especialmente em regiões de menor desenvolvimento, têm menos acesso a programas de reforço, atividades extracurriculares e tecnologias digitais, que são componentes essenciais para o aprendizado moderno.

No contexto da pandemia de COVID-19, as desigualdades entre escolas públicas e privadas se tornaram ainda mais evidentes. O ensino remoto, adotado amplamente em 2020 e 2021, exacerbou essas disparidades, já que muitos alunos de escolas públicas enfrentaram dificuldades para acessar dispositivos digitais e uma conexão de internet estável. Estudos revelaram que a perda de aprendizado durante o ensino remoto foi particularmente acentuada entre os estudantes de escolas públicas, agravando a lacuna já existente entre os dois sistemas de ensino.

Para combater essas desigualdades, é crucial implementar políticas públicas que promovam uma redistribuição mais equitativa dos recursos educacionais. Programas de formação continuada de professores, investimentos em infraestrutura e o fortalecimento de políticas de inclusão digital são essenciais para garantir que os alunos das escolas públicas tenham acesso a uma educação de qualidade. Além disso, a adoção de políticas que ofereçam suporte adicional aos alunos de escolas públicas, como programas de tutoria e reforço escolar, pode ajudar a diminuir essas lacunas de desempenho.

Por fim, é importante ressaltar que a redução das desigualdades educacionais exige uma ação coordenada entre diferentes setores da sociedade, incluindo o governo, instituições educacionais e a própria comunidade. A criação de ambientes escolares que promovam a equidade, não apenas em termos de infraestrutura, mas também no desenvolvimento de currículos inclusivos e diversificados, pode contribuir para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de sucesso educacional.

Diferenças por Tipo de Escola e Raça

Anos Iniciais

Dados Médios (2013-2021):

No 5º ano, os dados médios de 2013 a 2021, os dados revelam disparidades de desempenho em Português e Matemática entre diferentes grupos raciais no Brasil, considerando tanto escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos alcançaram a média mais alta, com uma nota de 4,60. Comparados a eles, os alunos pardos tiveram uma média de 4,25, representando uma diferença de -8%. Alunos pretos registraram uma média de 3,98, apresentando a maior defasagem, de -13% em relação aos brancos. Já os alunos amarelos e indígenas obtiveram médias de 4,25 e 4,24, respectivamente, com diferenças de -7% para ambos quando comparados aos brancos. Esses resultados mostram que, nas escolas públicas, os alunos brancos mantêm uma vantagem em leitura e interpretação, enquanto os alunos pretos enfrentam a maior desvantagem.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 4,49. Alunos pardos tiveram uma média de 4,21, com uma diferença de -6%. Alunos pretos e indígenas registraram médias de 4,03 e 4,12, com defasagens de -10% e -8%, respectivamente, em relação aos brancos. Os alunos amarelos alcançaram uma média de 4,22, com uma diferença de -5%. Comparado ao desempenho em Português, as disparidades em Matemática são um pouco menores, mas ainda significativas, principalmente para os alunos pretos.

Nas escolas privadas, os resultados mostram um ambiente com menores desigualdades, embora as diferenças raciais ainda existam. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 6,48. Alunos amarelos superaram ligeiramente os brancos, com uma média de 6,54, o que representa uma vantagem de +1%. Em contraste, alunos pardos e pretos apresentaram médias de 5,81 e 5,78, com defasagens de -10% e -11%, respectivamente, em comparação com os brancos. Alunos indígenas tiveram uma média de 5,59, com uma defasagem de -13% em relação aos alunos brancos. Esses dados indicam que, embora as escolas

privadas ofereçam um ambiente mais favorável, as desigualdades raciais ainda persistem.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 5,97. Alunos amarelos novamente superaram os brancos, com uma média de 6,07, registrando uma vantagem de +1%. Alunos pretos e indígenas tiveram médias de 5,44 e 5,46, com defasagens de -9% em relação aos brancos, enquanto os alunos pardos registraram uma média de 5,62, com uma diferença de -6%. Esse menor nível de variação nas escolas privadas sugere que o ambiente educacional privado ajuda a reduzir as desigualdades raciais, embora elas ainda existam.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no 5º ano em 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
5º ano	Pública	Branco vs Pardos	Português	4,60	4,25	-8%
5º ano	Pública	Branco vs Pretos	Português	4,60	3,98	-13%
5º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Português	4,60	4,25	-7%
5º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Português	4,60	4,24	-7%
5º ano	Pública	Branco vs Pardos	Matemática	4,49	4,21	-6%
5º ano	Pública	Branco vs Pretos	Matemática	4,49	4,03	-10%
5º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Matemática	4,49	4,22	-5%
5º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Matemática	4,49	4,12	-8%
5º ano	Privada	Branco vs Pardos	Português	6,48	5,81	-10%
5º ano	Privada	Branco vs Pretos	Português	6,48	5,78	-11%
5º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Português	6,48	6,54	+1%
5º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Português	6,48	5,59	-13%
5º ano	Privada	Branco vs Pardos	Matemática	5,97	5,62	-6%
5º ano	Privada	Branco vs Pretos	Matemática	5,97	5,44	-9%
5º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Matemática	5,97	6,07	+1%
5º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Matemática	5,97	5,46	-9%

Nas escolas públicas, em Português, alguns estados se destacam pelas grandes diferenças. No Amazonas, por exemplo, os alunos brancos registraram uma média de 4,28, enquanto os alunos pretos alcançaram apenas 3,87, resultando em uma diferença de -10%. Os alunos pardos, com média de 4,23, também apresentam uma defasagem em relação aos brancos, embora menor, de -1%.

Santa Catarina também apresenta uma disparidade significativa entre brancos e pardos, com notas médias de 5,55 para brancos e 4,91 para pardos, representando uma diferença de -12%. No Amapá, as maiores disparidades são observadas entre alunos brancos e indígenas, com os brancos atingindo uma média de 3,56, enquanto os indígenas registram 3,08, uma diferença de -13%. Além disso, os alunos pretos no Amapá obtiveram uma média de 3,23, o que representa uma defasagem de -9% em relação aos brancos.

Na disciplina de Matemática, a situação é semelhante, com alguns estados mostrando grandes desigualdades. Em Mato Grosso do Sul, alunos brancos registraram uma média de 4,84, enquanto os alunos pretos alcançaram apenas 3,71, resultando na maior diferença entre grupos, de -25%. Os alunos indígenas também apresentam uma defasagem significativa de -23%, com uma média de 3,73. No Espírito Santo, a diferença entre brancos e pardos é de -11%, com médias de 5,19 para brancos e 4,67 para pardos, evidenciando uma grande disparidade para este grupo. Em Roraima, os alunos brancos obtiveram uma média de 4,47, enquanto os amarelos registraram uma média de 3,29 (-24%) e os indígenas, 3,51 (-22%). Esses dados refletem as maiores desigualdades em Matemática para os alunos amarelos e indígenas em comparação aos brancos. Nas escolas privadas, embora as desigualdades sejam geralmente menores que nas públicas, ainda se observam diferenças significativas em alguns estados. Em Português, o Rio Grande do Sul apresenta uma das maiores disparidades, com uma média de 6,77 para os alunos brancos, enquanto os alunos pretos alcançaram uma média de 5,55, representando uma defasagem de -18%. Alunos pardos também enfrentam uma diferença considerável de -15% em relação aos brancos, com média de 5,76. Em Santa Catarina, a média dos alunos brancos foi de 6,96, enquanto os alunos pretos alcançaram uma média de 6,25, o que representa uma diferença de -10%. Alunos pardos, com uma média de 6,01, também apresentam uma defasagem de -14%. Em Roraima, a diferença entre alunos brancos e indígenas é de -14%, com médias de 5,87 para brancos e 5,03 para indígenas, evidenciando uma das maiores desigualdades para alunos indígenas em escolas privadas.

Em Matemática, alguns estados também apresentam disparidades notáveis nas escolas privadas. No Distrito Federal, alunos brancos registraram uma média de 6,49, enquanto alunos pretos obtiveram uma média de 5,72, resultando em uma diferença de -12%. Alunos pardos também apresentam uma defasagem de -9%

em relação aos brancos, com média de 5,91. No Mato Grosso do Sul, os alunos brancos alcançaram uma média de 6,41, enquanto os alunos indígenas obtiveram 5,52, uma diferença de -12%. No Paraná, a média dos alunos brancos foi de 6,54, enquanto os pretos registraram uma média de 5,76, o que representa uma defasagem de -12%

Dados de 2021:

Em 2021, os dados revelam disparidades significativas de desempenho em Português e Matemática entre diferentes grupos raciais no Brasil, considerando tanto escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos alcançaram a média mais alta, com uma nota de 4,45. Comparados a eles, os alunos pardos tiveram uma média de 4,50, o que representa uma diferença de +2%. Alunos pretos registraram uma média de 3,55, apresentando a maior defasagem de -20% em relação aos brancos. Os alunos amarelos obtiveram uma média de 3,62, com uma diferença de -19%, enquanto os alunos indígenas tiveram uma média de 4,04, resultando em uma defasagem de -9% em comparação aos alunos brancos. Esses resultados indicam que, nas escolas públicas, há uma vantagem considerável para alunos brancos em habilidades de leitura e interpretação, com os alunos pretos enfrentando as maiores dificuldades.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 4,39. Alunos pardos apresentaram uma média próxima, com 4,41 (+1%). Alunos pretos tiveram uma média de 3,69, com uma defasagem de -16%, enquanto os indígenas apresentaram uma média de 4,01, registrando uma diferença de -8% em relação aos brancos. Os alunos amarelos alcançaram uma média de 3,79, com uma diferença de -14%. Comparado ao desempenho em Português, as disparidades em Matemática são menos acentuadas para alguns grupos, mas ainda significativas, especialmente para os alunos pretos.

Nas escolas privadas, os resultados mostram um ambiente com menores desigualdades, embora as diferenças raciais persistam. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 6,33. Alunos amarelos superaram ligeiramente os brancos, com uma média de 6,10, o que representa uma diferença de -4%. Em contraste, alunos pardos e pretos apresentaram médias de 5,28 e 5,85, com defasagens de -16% e -12%, respectivamente, em comparação com os brancos.

Alunos indígenas tiveram uma média de 5,77, com uma defasagem de -12% em relação aos alunos brancos. Esses dados indicam que, embora as escolas privadas ofereçam um ambiente mais favorável, as desigualdades raciais ainda são evidentes.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 5,61. Alunos amarelos superaram os brancos, com uma média de 6,72 (+1%). Alunos pretos e indígenas tiveram médias de 5,09 e 5,92, com defasagens de -16% e -9% em relação aos brancos, enquanto os alunos pardos registraram uma média de 5,45, com uma diferença de -13%. Esse nível de variação nas escolas privadas sugere que o ambiente educacional privado ajuda a mitigar as desigualdades raciais, embora estas ainda existam.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no 5º ano em 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
5º ano	Pública	Branco vs Pardos	Português	4,45	4,50	+2%
5º ano	Pública	Branco vs Pretos	Português	4,45	3,55	-20%
5º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Português	4,45	3,62	-19%
5º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Português	4,45	4,04	-9%
5º ano	Pública	Branco vs Pardos	Matemática	4,39	4,41	+1%
5º ano	Pública	Branco vs Pretos	Matemática	4,39	3,69	-16%
5º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Matemática	4,39	3,79	-14%
5º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Matemática	4,39	4,01	-8%
5º ano	Privada	Branco vs Pardos	Português	6,33	5,28	-16%
5º ano	Privada	Branco vs Pretos	Português	6,33	5,85	-12%
5º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Português	6,33	6,10	-4%
5º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Português	6,33	5,77	-12%
5º ano	Privada	Branco vs Pardos	Matemática	5,61	5,45	-13%
5º ano	Privada	Branco vs Pretos	Matemática	5,61	5,09	-16%
5º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Matemática	5,61	6,72	+1%
5º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Matemática	5,61	5,92	-9%

Tabela 12: Diferenças por Raça/Cor no e Tipo de Escola 5º Ano - Resultados de 2021

Em 2021, ao observar as diferenças de desempenho em Português e Matemática entre os grupos raciais nos estados brasileiros, identificam-se alguns estados com disparidades mais acentuadas tanto nas escolas públicas quanto nas privadas.

Nas escolas públicas, em Português, o estado de Roraima apresentou uma das maiores diferenças entre alunos brancos e pretos. Alunos brancos tiveram uma média de 4,28, enquanto alunos pretos ficaram com 3,38, resultando em uma defasagem de -21%. Alunos amarelos em Roraima também apresentaram uma diferença significativa em relação aos brancos, com uma média de 3,09 (-28%). No estado do Amazonas, os alunos indígenas tiveram a maior defasagem, com uma média de 3,05, representando -29% em relação aos brancos.

Em Matemática, nas escolas públicas, o estado do Rio Grande do Sul destacou-se com a maior diferença entre alunos brancos e pretos, onde brancos alcançaram uma média de 5,05, enquanto pretos ficaram com 3,83, resultando em uma defasagem de -24%. Santa Catarina também apresentou uma diferença acentuada entre brancos e pardos, com médias de 5,44 para brancos e 5,11 para pardos, registrando uma diferença de -6%.

Nas escolas privadas, em Português, Mato Grosso registrou uma das maiores diferenças entre alunos brancos e pretos. Alunos brancos tiveram uma média de 6,61, enquanto alunos pretos ficaram com 5,57, gerando uma defasagem de -16%. Roraima foi o estado com maior vantagem para alunos amarelos, que tiveram média de 8,36, bem acima dos 6,23 registrados pelos brancos, representando uma vantagem de +34%.

Em Matemática, ainda nas escolas privadas, Roraima também se destacou com uma das maiores diferenças entre alunos brancos e pretos, onde brancos alcançaram uma média de 6,23 e alunos pretos, 5,47, uma diferença de -12%. Além disso, Rio Grande do Sul foi um estado com destaque na diferença de desempenho entre brancos e indígenas, com alunos brancos apresentando média de 6,23 e indígenas de 4,15, representando uma defasagem de -36%.

Esses resultados refletem as disparidades de desempenho entre grupos raciais no país e indicam que, apesar de melhorias em algumas áreas, ainda há diferenças significativas, especialmente em estados específicos. Essas desigualdades destacam a necessidade de políticas públicas direcionadas para reduzir as disparidades educacionais raciais, garantindo um ambiente de aprendizado mais equitativo em todo o Brasil.

Anos Finais

Dados Médios (2013-2021):

Para o 9º ano, com os dados médios de 2013 a 2021, observamos diferenças de desempenho em Português e Matemática entre diversos grupos raciais no Brasil, tanto em escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos alcançaram a maior média, com nota de 4,16. Em comparação, alunos pardos tiveram média de 4,02, representando uma diferença de -4%. Alunos pretos apresentaram a maior defasagem, com média de 3,50 e diferença de -15% em relação aos brancos. Alunos amarelos e indígenas obtiveram médias de 3,67 e 3,74, com diferenças de -11% e -10%, respectivamente, em comparação aos brancos. Esses resultados revelam que, nas escolas públicas, há uma persistente vantagem para alunos brancos em habilidades de leitura e interpretação, enquanto alunos pretos e indígenas enfrentam as maiores dificuldades.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 3,97. Alunos pardos tiveram uma média de 3,87, com diferença de -2%. Alunos pretos e indígenas registraram médias de 3,47 e 3,60, resultando em defasagens de -12% e -8%, respectivamente, em relação aos brancos. Alunos amarelos obtiveram uma média de 3,61, com uma diferença de -10%. Embora as diferenças em Matemática sejam menores que em Português, ainda são significativas, especialmente para alunos pretos e indígenas.

Nas escolas privadas, os resultados mostram uma redução nas desigualdades, embora ainda persistam diferenças raciais. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 6,20. Alunos amarelos obtiveram uma média ligeiramente inferior, de 5,97 (-4%), enquanto alunos pardos e pretos registraram médias de 5,71 e 5,41, com defasagens de -8% e -13%, respectivamente, em comparação aos brancos. Alunos indígenas tiveram a maior defasagem, com média de 5,33, ou -14% em relação aos brancos. Esses dados sugerem que as escolas privadas mitigam algumas das disparidades observadas nas públicas, mas as desigualdades raciais ainda permanecem.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 5,80. Alunos amarelos apresentaram uma leve desvantagem, com média de 5,72 (-1%). Alunos pardos e pretos registraram médias de 5,40 e 5,02, com diferenças de -7% e -8%, respectivamente, enquanto os alunos indígenas apresentaram a maior defasagem, com média de 4,92 (-15%). As escolas privadas parecem

oferecer um ambiente um pouco mais nivelado em Matemática, mas ainda existem diferenças notáveis entre os grupos.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no 9º ano, com os valores médios entre 2013 e 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
9º ano	Pública	Branços vs Pardos	Português	4,16	4,02	-4%
9º ano	Pública	Branços vs Pretos	Português	4,16	3,50	-15%
9º ano	Pública	Branços vs Amarelos	Português	4,16	3,67	-11%
9º ano	Pública	Branços vs Indígenas	Português	4,16	3,74	-10%
9º ano	Pública	Branços vs Pardos	Matemática	3,97	3,87	-2%
9º ano	Pública	Branços vs Pretos	Matemática	3,97	3,47	-12%
9º ano	Pública	Branços vs Amarelos	Matemática	3,97	3,61	-10%
9º ano	Pública	Branços vs Indígenas	Matemática	3,97	3,60	-8%
9º ano	Privada	Branços vs Pardos	Português	6,20	5,71	-8%
9º ano	Privada	Branços vs Pretos	Português	6,20	5,41	-13%
9º ano	Privada	Branços vs Amarelos	Português	6,20	5,97	-4%
9º ano	Privada	Branços vs Indígenas	Português	6,20	5,33	-14%
9º ano	Privada	Branços vs Pardos	Matemática	5,80	5,40	-7%
9º ano	Privada	Branços vs Pretos	Matemática	5,80	5,02	-8%
9º ano	Privada	Branços vs Amarelos	Matemática	5,80	5,72	-1%
9º ano	Privada	Branços vs Indígenas	Matemática	5,80	4,92	-15%

Nas escolas públicas, no 9º ano, em Português, alguns estados apresentam grandes diferenças de desempenho entre alunos de diferentes grupos raciais. No Amazonas, por exemplo, a média dos alunos brancos foi de 3,95, enquanto alunos pretos alcançaram apenas 3,23, o que resulta em uma defasagem significativa de -18%. Alunos pardos no estado registraram uma média de 3,39, com uma diferença de -14% em relação aos brancos. Em Roraima, os alunos brancos obtiveram uma média de 4,30, enquanto alunos indígenas alcançaram apenas 3,57, representando uma defasagem de -17%. No Pará, a diferença entre brancos e pardos foi de -8%, com médias de 2,93 para brancos e 2,69 para pardos.

Na disciplina de Matemática, o cenário é semelhante, com alguns estados exibindo grandes disparidades. Em Mato Grosso do Sul, alunos brancos registraram uma média de 4,33, enquanto alunos pretos tiveram uma média de

apenas 2,53, resultando em uma das maiores defasagens entre grupos, de -41%. Alunos indígenas também apresentam uma defasagem considerável em relação aos brancos no estado, com uma média de 2,41 (-44%). No Amapá, alunos brancos obtiveram média de 3,01, enquanto alunos pretos alcançaram 2,46, com uma diferença de -18%. Alunos amarelos no estado também apresentam uma defasagem de -10%, com média de 2,70 em comparação com a média de 3,01 dos brancos.

Nas escolas privadas, as desigualdades entre grupos raciais são geralmente menores, mas ainda existem diferenças significativas em alguns estados. Em Português, no Distrito Federal, por exemplo, alunos brancos alcançaram uma média de 7,18, enquanto alunos pretos tiveram uma média de 6,14, resultando em uma diferença de -14%. Alunos indígenas no estado também enfrentam uma defasagem de -23%, com média de 5,54 em relação à média dos brancos. Em Pernambuco, a diferença entre brancos e pardos é de -13%, com uma média de 5,99 para brancos e 5,20 para pardos.

Em Matemática, nas escolas privadas, as disparidades continuam a existir, ainda que em menor escala. No Paraná, por exemplo, alunos brancos registraram uma média de 7,20, enquanto alunos pretos alcançaram 6,27, com uma defasagem de -13%. Alunos pardos apresentaram uma diferença de -24% em relação aos brancos, com uma média de 5,45. Em Santa Catarina, a diferença entre brancos e indígenas também é notável, com médias de 7,33 para brancos e 5,44 para indígenas, resultando em uma defasagem de -26%.

Dados de 2021:

Para o 9º ano, em 2021, observamos diferenças de desempenho em Português e Matemática entre diversos grupos raciais no Brasil, tanto em escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos alcançaram a maior média, com nota de 5,13. Em comparação, alunos pardos tiveram uma média de 4,67, representando uma diferença de -9%. Alunos pretos apresentaram a maior defasagem, com média de 3,80, o que representa uma diferença de -26% em relação aos brancos. Alunos amarelos e indígenas obtiveram médias de 4,28 e 3,69, com diferenças de -16% e -28%, respectivamente, em relação aos brancos. Esses resultados indicam que, nas escolas públicas, os alunos brancos mantêm

uma vantagem em habilidades de leitura e interpretação, enquanto alunos pretos e indígenas enfrentam as maiores dificuldades.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 4,23. Alunos pardos apresentaram uma média de 3,92, com uma diferença de -7%. Alunos pretos e indígenas registraram médias de 3,23 e 3,14, resultando em defasagens de -23% e -26%, respectivamente, em relação aos brancos. Alunos amarelos alcançaram uma média de 3,60, com uma diferença de -15%. Embora as disparidades em Matemática sejam menores em comparação com Português, as diferenças ainda são significativas, especialmente para alunos pretos e indígenas.

Nas escolas privadas, os resultados mostram uma redução nas desigualdades, embora ainda persistam diferenças raciais. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 7,78. Alunos amarelos obtiveram uma média ligeiramente superior, de 7,88 (+1%). Em contrapartida, alunos pardos e pretos registraram médias de 7,22 e 6,49, com defasagens de -7% e -16%, respectivamente, em comparação aos brancos. Alunos indígenas tiveram a maior defasagem, com média de 5,55, uma diferença de -28% em relação aos brancos. Esses dados sugerem que, apesar das escolas privadas mitigarem algumas das disparidades observadas nas públicas, as desigualdades raciais ainda permanecem.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 6,78. Alunos amarelos apresentaram uma leve vantagem, com média de 6,89 (+2%). Alunos pardos e pretos registraram médias de 6,29 e 5,63, com diferenças de -7% e -17%, respectivamente, enquanto os alunos indígenas apresentaram a maior defasagem, com média de 5,07 (-25%). As escolas privadas parecem oferecer um ambiente mais nivelado em Matemática, mas ainda existem diferenças notáveis entre os grupos.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no 9º ano em 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota de Grupo de Comparação	Diferença Percentual
9º ano	Pública	Branco vs Pardos	Português	5,13	4,67	-9%
9º ano	Pública	Branco vs Pretos	Português	5,13	3,80	-26%
9º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Português	5,13	4,28	-16%

9º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Português	5,13	3,69	-28%
9º ano	Pública	Branco vs Pardos	Matemática	4,23	3,92	-7%
9º ano	Pública	Branco vs Pretos	Matemática	4,23	3,23	-23%
9º ano	Pública	Branco vs Amarelos	Matemática	4,23	3,60	-15%
9º ano	Pública	Branco vs Indígenas	Matemática	4,23	3,14	-26%
9º ano	Privada	Branco vs Pardos	Português	7,78	7,22	-7%
9º ano	Privada	Branco vs Pretos	Português	7,78	6,49	-16%
9º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Português	7,78	7,88	+1%
9º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Português	7,78	5,55	-28%
9º ano	Privada	Branco vs Pardos	Matemática	6,78	6,29	-7%
9º ano	Privada	Branco vs Pretos	Matemática	6,78	5,63	-17%
9º ano	Privada	Branco vs Amarelos	Matemática	6,78	6,89	+2%
9º ano	Privada	Branco vs Indígenas	Matemática	6,78	5,07	-25%

Nas escolas públicas, em Português, alguns estados se destacam pelas grandes disparidades. No Amazonas, a média dos alunos brancos foi de 4,89, enquanto alunos pretos registraram apenas 3,37, resultando em uma diferença de -31%. No Distrito Federal, a disparidade também é expressiva, com alunos brancos atingindo média de 5,80, enquanto alunos pretos tiveram 4,36, o que representa uma diferença de -25%. Em Roraima, a diferença entre brancos e amarelos é notável, com alunos brancos registrando uma média de 4,67 e alunos amarelos apenas 1,50, uma defasagem de -68%.

Em Matemática, as disparidades se mantêm altas em alguns estados. No Mato Grosso do Sul, a diferença entre brancos e pretos é uma das maiores, com alunos brancos apresentando uma média de 4,55 e alunos pretos apenas 2,12, o que resulta em uma defasagem de -53%. No Pará, alunos brancos registraram uma média de 3,15, enquanto alunos indígenas alcançaram 2,70, uma diferença de -14%. No Rio Grande do Sul, alunos brancos alcançaram uma média de 4,94, enquanto alunos indígenas tiveram 3,22, o que representa uma diferença de -35%.

Nas escolas privadas, as diferenças são menos acentuadas, mas ainda significativas. Em Português, no Paraná, alunos brancos obtiveram uma média de 8,22, enquanto alunos pretos tiveram 7,26, o que representa uma diferença de -12%. Em Santa Catarina, a diferença entre alunos brancos e indígenas foi de -44%, com uma média de 8,49 para brancos e 4,74 para indígenas.

Em Matemática, alguns estados também apresentam disparidades notáveis nas escolas privadas. No Distrito Federal, alunos brancos alcançaram uma média de 7,61, enquanto alunos pretos ficaram com 5,75, uma diferença de -26%. No Mato

Grosso do Sul, a média dos alunos brancos foi de 7,40, enquanto os alunos indígenas alcançaram apenas 5,70, resultando em uma defasagem de -23%. Esses dados mostram que, mesmo nas escolas privadas, onde a desigualdade é menor, alunos pretos e indígenas ainda enfrentam uma desvantagem significativa.

Ensino Médio

Dados Médios (2013-2021):

Para o Ensino Médio, no período de 2013 a 2021, observamos diferenças de desempenho em Português e Matemática entre diversos grupos raciais no Brasil, considerando tanto escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos alcançaram a maior média, com nota de 4,47. Em comparação, alunos pardos tiveram uma média de 3,84, representando uma diferença de -14%. Alunos pretos apresentaram uma defasagem ainda maior, com média de 3,43 e diferença de -22% em relação aos brancos. Alunos amarelos e indígenas obtiveram médias de 3,78 e 3,18, com diferenças de -15% e -30%, respectivamente, em relação aos brancos. Esses resultados revelam que, nas escolas públicas, há uma persistente vantagem para alunos brancos em habilidades de leitura e interpretação, enquanto alunos pretos e indígenas enfrentam as maiores dificuldades.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 3,84. Alunos pardos apresentaram uma média de 3,35, com diferença de -12%. Alunos pretos e indígenas registraram médias de 3,01 e 2,83, resultando em defasagens de -20% e -27%, respectivamente, em relação aos brancos. Alunos amarelos obtiveram uma média de 3,30, com uma diferença de -14%. Embora as disparidades em Matemática sejam menores que em Português, ainda são significativas, especialmente para alunos pretos e indígenas.

Nas escolas privadas, os resultados mostram uma redução nas desigualdades, embora ainda persistam diferenças raciais. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 6,76. Alunos amarelos obtiveram uma média de 6,28 (-7%). Em contrapartida, alunos pardos e pretos registraram médias de 5,97 e 5,83, com defasagens de -12% e -13%, respectivamente, em comparação aos brancos.

Alunos indígenas tiveram a maior defasagem, com média de 5,26, ou -22% em relação aos brancos. Esses dados sugerem que as escolas privadas mitigam algumas das disparidades observadas nas públicas, mas as desigualdades raciais ainda permanecem.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 6,15. Alunos amarelos apresentaram uma leve desvantagem, com média de 5,87 (-5%). Alunos pardos e pretos registraram médias de 5,38 e 5,16, com diferenças de -13% e -16%, respectivamente, enquanto os alunos indígenas apresentaram a maior defasagem, com média de 4,56 (-26%). As escolas privadas parecem oferecer um ambiente mais nivelado em Matemática, mas ainda existem diferenças notáveis entre os grupos.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no Ensino Médio, com os valores médios entre 2013 e 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pardos	Português	4,47	3,84	-14%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pretos	Português	4,47	3,43	-22%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Amarelos	Português	4,47	3,78	-15%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Indígenas	Português	4,47	3,18	-30%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pardos	Matemática	3,84	3,35	-12%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pretos	Matemática	3,84	3,01	-20%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Amarelos	Matemática	3,84	3,30	-14%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Indígenas	Matemática	3,84	2,83	-27%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pardos	Português	6,76	5,97	-12%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pretos	Português	6,76	5,83	-13%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Amarelos	Português	6,76	6,28	-7%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Indígenas	Português	6,76	5,26	-22%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pardos	Matemática	6,15	5,38	-13%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pretos	Matemática	6,15	5,16	-16%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Amarelos	Matemática	6,15	5,87	-5%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Indígenas	Matemática	6,15	4,56	-26%

No Ensino Médio, em 2021, os dados de desempenho em Português e Matemática revelam diferenças significativas entre grupos raciais nas escolas públicas e privadas do Brasil, com alguns estados apresentando disparidades mais acentuadas.

Nas escolas públicas, em Português, Minas Gerais se destaca pela diferença de desempenho entre alunos brancos e pretos: enquanto os alunos brancos alcançaram uma média de 4,21, os alunos pretos ficaram com 3,26, representando uma defasagem de -22%. No Paraná, essa diferença é ainda mais evidente, com os alunos brancos atingindo uma média de 3,93, enquanto os pretos obtiveram 3,04, uma diferença de -23%. No Amazonas, alunos brancos registraram uma média de 2,83, em contraste com 2,26 para alunos pretos, resultando em uma diferença de -20%.

Em Matemática, a situação nas escolas públicas também evidencia grandes disparidades. Em Roraima, a diferença entre alunos brancos e indígenas é marcante: alunos brancos obtiveram uma média de 2,49, enquanto os indígenas ficaram com apenas 1,54, uma defasagem de -38%. Em Mato Grosso, os alunos brancos alcançaram 2,91, enquanto os indígenas registraram 1,55, representando uma diferença de -47%. No Distrito Federal, alunos brancos obtiveram uma média de 3,22, enquanto alunos pretos tiveram uma média de 2,54, resultando em uma diferença de -21%.

Nas escolas privadas, embora as desigualdades sejam geralmente menores do que nas públicas, ainda persistem diferenças significativas. Em Português, no Espírito Santo, os alunos brancos alcançaram uma média de 5,73, enquanto os alunos indígenas obtiveram 4,63, o que representa uma defasagem de -19%. Em Roraima, a diferença entre alunos brancos e pardos foi de -7%, com médias de 5,38 para brancos e 5,01 para pardos.

Em Matemática, alguns estados se destacam nas escolas privadas pela manutenção das desigualdades raciais. Em São Paulo, alunos brancos obtiveram uma média de 5,84, enquanto alunos pretos registraram 5,15, com uma diferença de -12%. No Paraná, a média dos alunos brancos foi de 5,50, enquanto os pretos ficaram com 4,76, resultando em uma defasagem de -13%. Em Santa Catarina, a diferença entre alunos brancos e indígenas foi de -30%, com uma média de 6,00 para brancos e apenas 4,20 para indígenas.

Dados de 2021:

Para o Ensino Médio, em 2021, observamos diferenças de desempenho em Português e Matemática entre diversos grupos raciais no Brasil, tanto em escolas públicas quanto privadas.

Nas escolas públicas, em Português, os alunos brancos apresentaram a maior média, com uma nota de 3,78. Alunos pardos registraram uma média de 3,25, representando uma diferença de -14%. Alunos pretos tiveram a maior defasagem, com uma média de 2,98, o que representa uma diferença de -21% em relação aos brancos. Já alunos amarelos e indígenas obtiveram médias de 3,06 e 2,27, com diferenças de -19% e -40%, respectivamente, em comparação aos brancos. Esses resultados indicam que, nas escolas públicas, alunos brancos mantêm uma vantagem em habilidades de leitura e interpretação, enquanto alunos pretos e indígenas enfrentam as maiores dificuldades.

Em Matemática, nas escolas públicas, a média dos alunos brancos foi de 2,90. Alunos pardos apresentaram uma média de 2,53, com uma diferença de -12%. Alunos pretos e indígenas registraram médias de 2,25 e 1,83, resultando em defasagens de -22% e -37%, respectivamente, em relação aos brancos. Alunos amarelos obtiveram uma média de 2,35, com uma diferença de -19%. Embora as disparidades em Matemática sejam menores em comparação com Português, as diferenças ainda são significativas, especialmente para alunos pretos e indígenas.

Nas escolas privadas, os resultados mostram uma redução nas desigualdades, embora ainda persistam diferenças raciais. Em Português, a média dos alunos brancos foi de 5,60. Alunos amarelos alcançaram uma média ligeiramente superior, de 5,18, representando uma diferença de -7%. Em contrapartida, alunos pardos e pretos registraram médias de 5,07 e 4,88, com defasagens de -9% e -13%, respectivamente, em comparação aos brancos. Alunos indígenas tiveram a maior defasagem, com uma média de 4,08, uma diferença de -27% em relação aos brancos. Esses dados sugerem que, apesar de as escolas privadas mitigarem algumas das disparidades observadas nas públicas, as desigualdades raciais ainda permanecem.

Em Matemática, a média dos alunos brancos nas escolas privadas foi de 4,81. Alunos amarelos apresentaram uma leve vantagem, com uma média de 4,57 (+5%). Alunos pardos e pretos registraram médias de 4,34 e 3,49, com diferenças de -9% e -27%, respectivamente, enquanto os alunos indígenas apresentaram a maior defasagem, com uma média de 3,49 (-38%). As escolas privadas parecem oferecer um ambiente mais nivelado em Matemática, mas ainda existem diferenças notáveis entre os grupos.

A tabela a seguir resume as comparações entre alunos brancos e outros grupos raciais em Português e Matemática nas escolas públicas e privadas no Ensino Médio em 2021:

Série	Tipo de Escola	Comparação	Disciplina	Nota Alunos Brancos	Nota Grupo de Comparação	Diferença Percentual
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pardos	Português	3,78	3,25	-14%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pretos	Português	3,78	2,98	-21%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Amarelos	Português	3,78	3,06	-19%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Indígenas	Português	3,78	2,27	-40%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pardos	Matemática	2,90	2,53	-12%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Pretos	Matemática	2,90	2,25	-22%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Amarelos	Matemática	2,90	2,35	-19%
Ensino Médio	Pública	Branco vs Indígenas	Matemática	2,90	1,83	-37%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pardos	Português	5,60	5,07	-9%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pretos	Português	5,60	4,88	-13%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Amarelos	Português	5,60	5,18	-7%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Indígenas	Português	5,60	4,08	-27%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pardos	Matemática	4,81	4,34	-9%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Pretos	Matemática	4,81	3,49	-27%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Amarelos	Matemática	4,81	4,57	+5%
Ensino Médio	Privada	Branco vs Indígenas	Matemática	4,81	3,49	-38%

Em 2021, os dados do Ensino Médio revelam disparidades significativas de desempenho em Português e Matemática entre diferentes grupos raciais no Brasil, tanto em escolas públicas quanto privadas. Abaixo estão alguns destaques dos estados que apresentam diferenças mais acentuadas.

Nas escolas públicas, em Português, o estado do Rio Grande do Sul apresentou uma diferença notável: alunos brancos obtiveram uma média de 4,22, enquanto alunos pretos ficaram com 3,01, o que representa uma defasagem de -29%. No Paraná, a diferença entre alunos brancos e pretos também foi significativa, com médias de 4,28 para brancos e 3,27 para pretos, resultando em uma defasagem de -24%. Em Minas Gerais, a disparidade foi de -25%, com alunos brancos alcançando uma média de 4,17, enquanto alunos pretos tiveram 3,14.

Em Matemática nas escolas públicas, as diferenças também são evidentes. No Amazonas, alunos brancos registraram uma média de 2,09, enquanto alunos indígenas alcançaram apenas 0,87, indicando uma defasagem de -58%. Em Mato Grosso do Sul, alunos brancos alcançaram uma média de 3,06, em

contraste com a média de 1,40 para alunos indígenas, o que representa uma diferença de -54%. No Distrito Federal, a diferença entre alunos brancos e indígenas foi de -34%, com médias de 3,33 para brancos e 2,21 para indígenas. Nas escolas privadas, embora as diferenças sejam menores, ainda persistem desigualdades raciais. Em Português, no estado de Santa Catarina, alunos brancos alcançaram uma média de 5,80, enquanto alunos pardos registraram uma média de 4,66, resultando em uma diferença de -20%. No Paraná, a diferença entre brancos e pardos foi de -14%, com médias de 5,88 para brancos e 5,07 para pardos. Em Roraima, alunos brancos obtiveram uma média de 5,51 em Português, enquanto alunos indígenas alcançaram apenas 3,75, uma defasagem de -32%.

Em Matemática nas escolas privadas, São Paulo destacou-se com uma diferença de -21% entre alunos brancos e pretos, com médias de 6,19 para brancos e 4,89 para pretos. Em Goiás, a diferença entre brancos e pretos foi de -22%, com uma média de 5,73 para brancos e 4,47 para pretos. No Rio Grande do Sul, alunos brancos tiveram uma média de 5,82, enquanto alunos indígenas alcançaram apenas 3,94, resultando em uma diferença de -32%.

Esses resultados evidenciam que, apesar de as escolas privadas apresentarem um ambiente ligeiramente mais nivelado, as disparidades raciais ainda são expressivas. Nas escolas públicas, as desigualdades são ainda mais marcantes, com alunos indígenas e pretos enfrentando as maiores dificuldades em comparação aos alunos brancos, tanto em Português quanto em Matemática, em diversos estados do Brasil.

Comentários:

A análise das disparidades de desempenho entre alunos de escolas públicas e privadas evidencia uma profunda desigualdade no sistema educacional brasileiro, que afeta principalmente estudantes de grupos racializados. Estudos acadêmicos corroboram que a origem dessas desigualdades está diretamente ligada a fatores estruturais, como a distribuição desigual de recursos, a qualidade dos professores e o ambiente escolar. Alunos de escolas privadas geralmente têm acesso a uma infraestrutura mais adequada, professores mais qualificados

e programas pedagógicos mais individualizados, o que se reflete em seus resultados significativamente superiores.

A discrepância observada no desempenho dos alunos de escolas públicas e privadas, tanto em português quanto em matemática, também pode ser entendida através do conceito de capital cultural, desenvolvido por Bourdieu (1986). Alunos de famílias com maior capital cultural – que muitas vezes têm mais acesso a escolas privadas – tendem a se beneficiar de um ambiente que valoriza o aprendizado e incentiva a excelência acadêmica. Além disso, a expectativa de sucesso e a pressão por bons resultados também são mais presentes nesses contextos, enquanto, nas escolas públicas, fatores como a falta de infraestrutura e o número elevado de alunos por sala de aula prejudicam a qualidade do ensino.

Outro ponto relevante na análise dessas disparidades é o papel do racismo estrutural, que perpetua a segregação educacional. Grupos racializados, como pretos, pardos e indígenas, têm menor acesso a escolas privadas e, dentro do sistema público, enfrentam preconceito e discriminação que limitam suas oportunidades de aprendizagem. Isso é especialmente evidente nos dados que mostram que alunos pretos e indígenas de escolas públicas têm as maiores desvantagens percentuais, principalmente no Ensino Médio, onde as lacunas são mais acentuadas. Esse cenário reflete não apenas desigualdades econômicas, mas também um sistema educacional que falha em atender as necessidades de grupos historicamente marginalizados.

A maior disparidade em matemática, particularmente no Ensino Médio, ressalta uma deficiência crônica no ensino dessa disciplina nas escolas públicas, especialmente para alunos indígenas e pretos. Conforme sugere a literatura, o déficit em matemática pode ter implicações de longo prazo, uma vez que essa disciplina é fundamental para carreiras em ciências, tecnologia e áreas correlatas. A falta de preparo em matemática para esses alunos pode perpetuar um ciclo de exclusão social e econômica, já que limita suas chances de ingresso em universidades e, posteriormente, no mercado de trabalho.

As políticas públicas voltadas para a equidade educacional, como cotas raciais e a ampliação do financiamento para escolas públicas, são estratégias fundamentais para mitigar essas desigualdades. Além disso, a implementação de currículos antirracistas e a formação continuada de professores para lidar com a diversidade cultural e racial nas salas de aula são essenciais para combater as

disparidades de desempenho entre alunos de diferentes raças e classes sociais. A promoção de uma educação de qualidade para todos, independentemente do contexto socioeconômico ou racial, é não apenas uma questão de justiça social, mas também um caminho para garantir o desenvolvimento econômico e a coesão social do país a longo prazo.

Esses dados reiteram a necessidade urgente de reformular o sistema educacional brasileiro, visando criar condições mais equitativas para todos os alunos. Ações direcionadas para reduzir as lacunas de desempenho entre escolas públicas e privadas, e especialmente entre grupos racializados, são cruciais para garantir que o ensino não seja apenas um privilégio para poucos, mas uma oportunidade real de transformação social para todos.

Diferenças por Sexo e Raça

Anos Iniciais

No 5º ano, os dados de 2021 revelam diferenças de desempenho em Português e Matemática por gênero e raça, com as meninas consistentemente superando os meninos em Português. Meninas brancas, por exemplo, têm uma média de 4,92, representando um aumento de +14% em relação aos meninos brancos, que têm uma média de 4,34. Esse padrão de superioridade feminina em Português também é observado em outras raças: meninas pardas registram uma média de 4,67, uma diferença de +13% em relação aos meninos pardos (4,12); meninas pretas alcançam 4,51, superando os meninos pretos, que têm uma média de 3,94 (+14%); meninas amarelas obtêm 4,58, comparadas aos meninos amarelos, com 4,03 (+13%); e as meninas indígenas têm uma média de 4,65, ligeiramente superior à média dos meninos indígenas, que é de 4,49 (+9%).

Em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos em algumas raças apresentando um desempenho ligeiramente superior. Meninos brancos, por exemplo, têm uma média de 4,71, superando levemente as meninas brancas, que têm uma média de 4,66 (-1%). Esse padrão de vantagem masculina também é observado em outras raças: meninos pardos têm uma média de 4,49, enquanto meninas pardas têm 4,41 (-2%); meninos pretos registram 4,31, levemente superiores às meninas pretas, que têm 4,38 (-2%); meninos amarelos têm uma média de 4,50, comparados a 4,45 das meninas amarelas (-1%); e meninos indígenas têm uma média de 4,64, em comparação com as meninas indígenas, com 4,40 (-5%).

Esses resultados mostram que, no 5º ano, as meninas apresentam um desempenho superior em Português em todas as raças, enquanto os meninos possuem uma ligeira vantagem em Matemática em algumas raças, especialmente entre alunos indígenas. Esse padrão sugere que, enquanto as habilidades linguísticas favorecem as meninas, em disciplinas técnicas como

Matemática, o desempenho dos meninos é ligeiramente superior em alguns grupos. As diferenças de gênero e as variações de desempenho por raça indicam a importância de políticas educacionais que promovam a equidade e ofereçam suporte específico para as necessidades de cada grupo.

Além das diferenças de gênero, observa-se também uma variação significativa entre as raças em ambas as disciplinas. Na disciplina de Português, alunos brancos e indígenas apresentam desempenhos próximos, com os alunos indígenas ligeiramente à frente em relação aos brancos entre os meninos. No entanto, as disparidades se tornam mais evidentes ao observar as médias dos outros grupos raciais. Meninos brancos têm a média mais alta, de 4,34, seguidos de perto pelos indígenas com 4,49 (+1% em relação ao branco). Em contraste, meninos pretos têm a maior defasagem, com uma média de 3,94 (-10% em relação ao branco), seguido por meninos amarelos (4,03, -8%) e pardos (4,12, -3%). Entre as meninas, a média mais alta também está entre os brancos (4,92), seguidos pelos amarelos com 4,58 (-7%) e pelos pardos com 4,67 (-5%). Meninas indígenas apresentam uma média próxima, de 4,65 (-6% em relação ao branco), enquanto as pretas têm a maior defasagem, com 4,51 (-8%).

Essas diferenças em Português mostram que, embora meninas de diferentes raças superem consistentemente os meninos em suas próprias categorias, a variação racial ainda persiste, com os alunos brancos e indígenas geralmente apresentando as médias mais altas. Em Matemática, as disparidades de desempenho entre raças são menos acentuadas, mas ainda perceptíveis, especialmente entre os meninos. Meninos brancos têm a média mais alta em Matemática, com 4,71, mas são seguidos de perto por meninos indígenas com 4,64 (-1% em relação ao branco). As defasagens aumentam ligeiramente para os meninos pardos (4,49, -5%) e pretos (4,31, -8%). Meninos amarelos têm a média mais próxima dos brancos, com 4,50 (-4%). Entre as meninas, a média mais alta em Matemática é novamente dos brancos (4,66), seguidas de perto pelas amarelas (4,45, -4%) e pelas pardas (4,41, -5%). Meninas indígenas e pretas têm as maiores defasagens, com médias de 4,40 (-5%) e 4,38 (-6%), respectivamente.

Essas comparações indicam que, em Matemática, as variações entre raças são menores do que em Português, mas os alunos brancos ainda mantêm uma leve vantagem em média, seguida de perto pelos grupos indígenas e amarelos.

Série	Disciplina	Comparação	Nota Meninos	Nota Meninas	Diferença (%)
5º ano	Português	Branços	4.29	4.92	+16%
5º ano	Português	Pardos	3.86	4.44	+16%
5º ano	Português	Pretos	3.72	4.34	+19%
5º ano	Português	Amarelos	3.95	4.56	+17%
5º ano	Português	Indígenas	3.93	4.54	+18%
5º ano	Matemática	Branços	4.57	4.39	-5%
5º ano	Matemática	Pardos	4.21	4.01	-6%
5º ano	Matemática	Pretos	4.14	3.96	-5%
5º ano	Matemática	Amarelos	4.35	4.14	-5%
5º ano	Matemática	Indígenas	4.20	4.00	-6%

No 5º ano, os dados revelam variações significativas no desempenho em Português e Matemática entre diferentes estados, com diferenças também por gênero e raça. De modo geral, meninas superam meninos em Português em praticamente todos os estados. Em estados como Santa Catarina e São Paulo, essa vantagem feminina é evidente entre as alunas brancas, que alcançam médias de 5,80 e 5,73, respectivamente, em contraste com 5,31 e 5,21 entre os meninos brancos, representando uma diferença de +9% em SC e +10% em SP. Em estados como Alagoas e Maranhão, onde o desempenho geral é mais baixo, as meninas também superam os meninos: em Alagoas, meninas brancas têm uma média de 4,01 contra 3,37 dos meninos (+19%), e no Maranhão, a diferença é de +20% (3,58 para as meninas e 2,97 para os meninos).

Para outras raças, o padrão de superioridade feminina em Português também se repete, embora com variações significativas entre estados. Em estados como Espírito Santo e Minas Gerais, as meninas pardas apresentam médias de 4,88 e 5,21, respectivamente, com diferenças de +13% e +14% em relação aos meninos pardos. Entre os alunos pretos, o Amazonas destaca-se com uma média feminina de 4,01 contra 3,63 entre os meninos (+11%), enquanto no Maranhão, as meninas pretas têm uma média de 3,41, representando uma diferença de +20% em relação aos meninos pretos (2,84).

Em Matemática, o cenário é ligeiramente diferente, com os meninos superando as meninas em alguns estados, especialmente em grupos raciais específicos. Em Santa Catarina, por exemplo, meninos brancos obtêm uma média de 5,60, ligeiramente superior à média das meninas brancas, de 5,43 (-3%). Esse padrão é semelhante em estados como Rio Grande do Sul e Paraná, onde meninos brancos têm médias de 5,22 e 5,62, superando as meninas brancas em -3% e -

4%, respectivamente. No entanto, em alguns estados, essa diferença é menos pronunciada ou mesmo invertida. Em Minas Gerais, por exemplo, meninas indígenas apresentam uma média ligeiramente superior em Matemática (5,10) em comparação aos meninos indígenas (5,16), com uma diferença de -1%.

Além das disparidades de gênero, há também variações consideráveis entre os estados no desempenho de cada raça em ambas as disciplinas. Em estados como o Distrito Federal e São Paulo, os alunos brancos apresentam algumas das médias mais altas em Português e Matemática, destacando-se entre os grupos raciais. No Distrito Federal, a média dos meninos brancos em Português é de 5,09, com uma diferença de +8% em relação às meninas brancas, que têm média de 5,51. No Rio de Janeiro, meninos brancos têm uma média de 4,64 em Português, enquanto as meninas brancas têm 5,14 (+11%).

Em estados com desempenho mais baixo, como Alagoas e Maranhão, há uma disparidade racial ainda mais acentuada. Em Alagoas, meninos pardos têm uma média de 3,37, enquanto meninas pardas alcançam 3,89, uma diferença de +15%. No Maranhão, a situação é semelhante, com meninos pretos registrando uma média de 2,84 em Português, enquanto meninas pretas têm uma média de 3,41, representando uma defasagem significativa.

Essas análises por estado demonstram que, embora padrões gerais de gênero e raça se repitam em várias regiões, as disparidades de desempenho são mais acentuadas em alguns estados do que em outros. Estados com maiores médias gerais, como o Distrito Federal e São Paulo, apresentam menores diferenças raciais e de gênero, sugerindo que fatores regionais e contextuais, como a qualidade da educação e o investimento em políticas educacionais, podem influenciar essas desigualdades. Por outro lado, estados com desempenho mais baixo, como Alagoas e Maranhão, mostram maiores disparidades entre grupos raciais e de gênero, destacando a necessidade de políticas educacionais voltadas para promover a equidade e melhorar o suporte educacional em regiões com menor desempenho.

No 5º ano, os dados de 2021 revelam diferenças de desempenho em Português e Matemática por gênero e raça, com as meninas consistentemente superando os meninos em Português. Meninas brancas, por exemplo, têm uma média de

4,83, representando um aumento de +14% em relação aos meninos brancos, que têm uma média de 4,25. Esse padrão de superioridade feminina em Português também é observado em outras raças: meninas pardas registram uma média de 4,81, uma diferença de +13% em relação aos meninos pardos (4,25); meninas pretas alcançam 3,90, superando os meninos pretos, que têm uma média de 3,32 (+18%); meninas amarelas obtêm 4,37, comparadas aos meninos amarelos, com 3,82 (+15%); e as meninas indígenas têm uma média de 4,01, ligeiramente superior à média dos meninos indígenas, que é de 4,09 (+16%).

Em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos em algumas raças apresentando um desempenho ligeiramente superior. Meninos brancos, por exemplo, têm uma média de 4,49, superando levemente as meninas brancas, que têm uma média de 4,39 (-2%). Esse padrão de vantagem masculina também é observado em outras raças: meninos pardos têm uma média de 4,21, enquanto meninas pardas têm 4,01 (-6%); meninos pretos registram 4,14, levemente superiores às meninas pretas, que têm 3,96 (-5%); meninos amarelos têm uma média de 4,35, comparados a 4,14 das meninas amarelas (-5%); e meninos indígenas têm uma média de 4,20, em comparação com as meninas indígenas, com 4,00 (-6%).

Esses resultados mostram que, no 5º ano, as meninas apresentam um desempenho superior em Português em todas as raças, enquanto os meninos possuem uma ligeira vantagem em Matemática em algumas raças, especialmente entre alunos indígenas. Esse padrão sugere que, enquanto as habilidades linguísticas favorecem as meninas, em disciplinas técnicas como Matemática, o desempenho dos meninos é ligeiramente superior em alguns grupos. As diferenças de gênero e as variações de desempenho por raça indicam a importância de políticas educacionais que promovam a equidade e ofereçam suporte específico para as necessidades de cada grupo.

Além das diferenças de gênero, observa-se também uma variação significativa entre as raças em ambas as disciplinas. Na disciplina de Português, alunos brancos e indígenas apresentam desempenhos próximos, com os alunos indígenas ligeiramente à frente em relação aos brancos entre os meninos. No entanto, as disparidades se tornam mais evidentes ao observar as médias dos outros grupos raciais. Meninos brancos têm a média mais alta, de 4,25, seguidos de perto pelos indígenas com 4,09 (-2% em relação ao branco). Em contraste, meninos pretos têm a maior defasagem, com uma média de 3,32 (-19% em

relação ao branco), seguido por meninos amarelos (3,82, -10%) e pardos (4,25, -0%). Entre as meninas, a média mais alta também está entre os brancos (4,83, -0%). Seguidos pelos amarelos com 4,37 (-9%) e pelos pardos com 4,81 (-0%). Meninas indígenas apresentam uma média próxima, de 4,01.

Série	Disciplina	Comparação	Nota Meninos	Nota Meninas	Diferença (%)
5º ano	Português	Branco	4.25	4.83	+14%
5º ano	Português	Pardos	4.25	4.81	+13%
5º ano	Português	Pretos	3.32	3.90	+18%
5º ano	Português	Amarelos	3.82	4.37	+15%
5º ano	Português	Indígenas	4.09	4.01	-2%
5º ano	Matemática	Branco	4.49	4.39	-2%
5º ano	Matemática	Pardos	4.21	4.01	-6%
5º ano	Matemática	Pretos	4.14	3.96	-5%
5º ano	Matemática	Amarelos	4.35	4.14	-5%
5º ano	Matemática	Indígenas	4.20	4.00	-6%

No 5º ano em 2021, os dados revelam variações no desempenho por estado, com diferenças significativas de desempenho em Português e Matemática entre alunos de diferentes gêneros e raças. Em geral, as meninas superam os meninos em Português, enquanto em Matemática, os meninos tendem a ter um desempenho ligeiramente superior em alguns estados.

Em Português, as meninas brancas têm um desempenho consistentemente melhor que os meninos brancos na maioria dos estados. Por exemplo, no estado do Acre, a média das meninas brancas é de 4,96, representando um aumento de +15% em relação aos meninos brancos, com média de 4,31. Esse padrão de superioridade das meninas em Português é observado em várias raças e estados. Em Roraima, meninas pardas registram uma média de 4,86, superando os meninos pardos, que têm uma média de 4,37 (+11%). Meninas pretas em Minas Gerais têm uma média de 4,44, o que representa um aumento de +18% em relação aos meninos pretos, com média de 3,76. Meninas amarelas no Ceará alcançam uma média de 5,07, superando os meninos amarelos, que têm uma média de 4,53 (+12%). Já no Distrito Federal, as meninas indígenas têm uma média de 5,01, o que é +17% superior à média dos meninos indígenas, que é de 4,26. Esses dados indicam uma tendência de superioridade feminina em habilidades de leitura e interpretação em diversos estados e raças.

Em Matemática, o cenário se inverte em alguns casos, com os meninos apresentando um desempenho ligeiramente superior em várias raças e estados. No Paraná, meninos brancos têm uma média de 5,44, superando levemente as meninas brancas, que têm uma média de 5,18 (-5%). Esse padrão de vantagem masculina em Matemática também é visto entre os pardos em Goiás, onde meninos pardos têm uma média de 4,91, enquanto meninas pardas têm 4,67 (-5%). Em Roraima, meninos pretos registram uma média de 4,57, ligeiramente superior à média das meninas pretas, que é de 4,34 (-5%). No Distrito Federal, meninos amarelos têm uma média de 4,56, enquanto as meninas amarelas têm 4,53, mostrando uma diferença pequena, mas ainda vantajosa para os meninos (-1%). Por fim, meninos indígenas em Mato Grosso do Sul alcançam uma média de 4,64, superando as meninas indígenas, que têm uma média de 4,39 (-5%).

Anos Finais

No 9º ano, os dados de desempenho em Português mostram que as meninas superam os meninos em todas as raças. Meninas brancas, por exemplo, apresentam uma média de 5.39, com uma vantagem de +24% em relação aos meninos brancos, que possuem uma média de 4.36. Esse padrão de superioridade feminina se mantém nas demais raças: meninas pardas têm uma média de 4.20, superando os meninos pardos, que registram 3.12 (+35%); meninas pretas alcançam uma média de 4.17, em comparação aos 3.19 dos meninos (+31%); meninas amarelas têm uma média de 4.33, com uma vantagem de +41% em relação aos meninos amarelos, que têm uma média de 3.07; e, por fim, meninas indígenas têm uma média de 3.86, enquanto meninos indígenas ficam em 3.12 (+24%). Esses dados indicam que as diferenças de gênero em Português, favoráveis às meninas, são mais consistentes do que as disparidades raciais, evidenciando um desempenho superior das meninas em habilidades linguísticas.

Em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos geralmente superando as meninas em algumas raças. Meninos brancos, por exemplo, têm uma média de 4.86, superando as meninas brancas, que registram 4.32 (-6%). Entre os pardos, os meninos apresentam uma média de 3.75, enquanto as meninas pardas alcançam 3.35 (-11%). Essa diferença é notada também entre os pretos, com os

meninos registrando 3.58 contra 3.40 das meninas (-8%). Entre os amarelos, os meninos têm uma média de 3.82, superando as meninas amarelas, que têm 3.56 (-7%); e, entre os indígenas, os meninos apresentam uma média de 3.68, enquanto as meninas indígenas ficam com 3.37 (-8%). Esses resultados sugerem que, em Matemática, as diferenças de gênero tendem a favorecer os meninos. Comparando o desempenho entre meninos e meninas de uma mesma raça em Português e Matemática, observa-se que, embora as meninas superem os meninos em Português, os meninos frequentemente apresentam desempenho superior em Matemática. As disparidades de gênero são menos acentuadas que as diferenças raciais. Por exemplo, em Português, meninos brancos têm uma média de 4.36, enquanto meninos pretos ficam em 3.19, uma diferença de -27%. Meninos pardos registram 3.12, com uma diferença de -29% em relação aos brancos. As diferenças raciais entre as meninas também são significativas: meninas brancas têm a maior média em Português (5.39), enquanto meninas pretas apresentam uma média de 4.17, uma diferença de -23%. Esses resultados reforçam que, além das diferenças de gênero, barreiras estruturais e acesso limitado a recursos influenciam o desempenho acadêmico dos alunos de raças historicamente marginalizadas. As disparidades raciais são mais evidentes em Matemática, sugerindo a necessidade de intervenções educacionais que promovam igualdade de oportunidades e suporte adicional para esses grupos.

Série	Disciplina	Raça	Meninos	Meninas	Diferença (Menina vs Menino)
9º Ano	Português	Branco	4.36	5.39	+24%
9º Ano	Português	Pardo	3.12	4.20	+35%
9º Ano	Português	Preto	3.19	4.17	+31%
9º Ano	Português	Amarelo	3.07	4.33	+41%
9º Ano	Português	Indígena	3.12	3.86	+24%
9º Ano	Matemática	Branco	4.86	4.32	-6%
9º Ano	Matemática	Pardo	3.75	3.35	-11%
9º Ano	Matemática	Preto	3.58	3.40	-8%
9º Ano	Matemática	Amarelo	3.82	3.56	-7%
9º Ano	Matemática	Indígena	3.68	3.37	-8%

No 9º ano, os dados evidenciam variações significativas no desempenho em Português e Matemática entre diferentes estados, com distinções também por gênero e raça. Em Português, as meninas geralmente superam os meninos em

quase todos os estados. No Distrito Federal, por exemplo, meninas brancas apresentam uma média de 5,12, enquanto meninos brancos alcançam 4,32, indicando uma diferença de +19%. Em São Paulo, a média das meninas brancas é de 5,48, superior aos 4,49 dos meninos brancos, representando uma diferença de +22%.

Estados com desempenho mais baixo também mostram essa vantagem feminina em Português. No Maranhão, meninas brancas registram uma média de 2,83, em comparação aos 1,86 dos meninos brancos (+52%). Em Alagoas, meninas pardas alcançam 2,84, superando os meninos pardos, que têm uma média de 2,20 (+29%).

Para outras raças, o padrão de superioridade feminina em Português persiste com variações entre os estados. No Piauí, meninas pretas têm uma média de 3,51, enquanto meninos pretos alcançam 2,60, uma diferença de +35%. No Amazonas, a média das meninas indígenas em Português é de 2,30, em contraste com os 1,79 dos meninos indígenas, representando uma diferença de +29%.

Em Matemática, o cenário é diferente, com os meninos superando as meninas em diversos estados, especialmente entre grupos raciais específicos. No Paraná, por exemplo, meninos brancos registram uma média de 4,74, ligeiramente superior à média das meninas brancas, que é de 4,34, uma diferença de -8%. Esse padrão se repete em estados como Minas Gerais e Santa Catarina, onde meninos brancos superam as meninas em Matemática com diferenças de -4% e -8%, respectivamente.

No entanto, algumas exceções são observadas. No Maranhão, as meninas pardas apresentam desempenho superior em Matemática, com média de 2,52, em comparação aos 2,20 dos meninos pardos, uma diferença de +13%. Em estados como o Espírito Santo, a diferença em favor dos meninos é menor ou inverte-se em grupos específicos.

As variações de desempenho entre os estados também refletem disparidades raciais significativas em ambas as disciplinas. No Distrito Federal, onde o desempenho geral é mais alto, meninos brancos em Português têm uma média de 4,32, e as meninas brancas 5,12 (+19%). Em contrapartida, estados com desempenho mais baixo, como o Pará, mostram disparidades mais acentuadas. No Pará, meninos indígenas em Português têm uma média de 2,37, enquanto as meninas indígenas alcançam 3,46, uma diferença de +46%.

No 9º ano, os dados de desempenho em Português mostram que as meninas superam consistentemente os meninos em todas as raças. Meninas brancas, por exemplo, têm uma média de 5,76, uma vantagem de +21% em relação aos meninos brancos, que possuem uma média de 4,77. Esse padrão de superioridade feminina é observado em outras raças: meninas pardas registram uma média de 5,08, superando os meninos pardos, que possuem uma média de 4,35 (+17%); meninas pretas alcançam uma média de 4,49, em comparação aos 3,32 dos meninos (+36%); meninas amarelas apresentam uma média de 4,76, com uma vantagem de +25% em relação aos meninos amarelos, cuja média é de 3,82; e meninas indígenas têm uma média de 3,97, enquanto meninos indígenas registram 3,44 (+16%). Esses dados indicam que as diferenças de gênero em Português favorecem as meninas de forma consistente, evidenciando um desempenho superior feminino em habilidades linguísticas em todas as raças.

Em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos geralmente superando as meninas em algumas raças. Meninos brancos, por exemplo, têm uma média de 4,59, superando as meninas brancas, que possuem uma média de 4,14 (-10%). Entre os pardos, os meninos apresentam uma média de 4,31, enquanto as meninas pardas alcançam 3,68 (-15%). A diferença também é visível entre os pretos, com os meninos registrando 4,19 contra 3,97 das meninas (-5%). Entre os amarelos, os meninos têm uma média de 4,35, superando as meninas amarelas, que possuem 3,97 (-9%); e entre os indígenas, os meninos registram 3,45, enquanto as meninas indígenas possuem uma média de 2,87 (-17%). Esses resultados sugerem que, em Matemática, as diferenças de gênero tendem a favorecer os meninos.

Comparando o desempenho entre meninos e meninas de uma mesma raça em Português e Matemática, observa-se que, embora as meninas superem os meninos em Português, os meninos frequentemente apresentam desempenho superior em Matemática. As disparidades de gênero são menos acentuadas que as diferenças raciais. Por exemplo, em Português, meninos brancos têm uma média de 4,77, enquanto meninos pretos ficam em 3,32, uma diferença de -30%. Meninos pardos registram 4,35, com uma diferença de -9% em relação aos

brancos. As diferenças raciais entre as meninas também são significativas: meninas brancas têm a maior média em Português (5,76), enquanto meninas pretas apresentam uma média de 4,49, uma diferença de -22%. Esses resultados reforçam que, além das diferenças de gênero, barreiras estruturais e acesso limitado a recursos influenciam o desempenho acadêmico dos alunos de raças historicamente marginalizadas. As disparidades raciais são mais evidentes em Matemática, sugerindo a necessidade de intervenções educacionais que promovam igualdade de oportunidades e suporte adicional para esses grupos.

Série	Disciplina	Raça	Meninos	Meninas	Diferença (Meninas vs Meninos)
9º Ano	Português	Branco	4,77	5,76	+21%
9º Ano	Português	Pardo	4,35	5,08	+17%
9º Ano	Português	Preto	3,32	4,49	+36%
9º Ano	Português	Amarelo	3,82	4,76	+25%
9º Ano	Português	Indígena	3,44	3,97	+16%
9º Ano	Matemática	Branco	4,59	4,14	-10%
9º Ano	Matemática	Pardo	4,31	3,68	-15%
9º Ano	Matemática	Preto	4,19	3,97	-5%
9º Ano	Matemática	Amarelo	4,35	3,97	-9%
9º Ano	Matemática	Indígena	3,45	2,87	-17%

No 9º ano, os resultados por estado revelam variações significativas no desempenho em Português e Matemática, com disparidades que refletem tanto diferenças de gênero quanto de raça. De modo geral, as meninas superam os meninos em Português em quase todos os estados, com destaque para estados como São Paulo e Santa Catarina, onde a vantagem feminina é evidente entre as alunas brancas. Em São Paulo, meninas brancas registram uma média de 6,69 em Português, em contraste com 5,76 entre os meninos brancos, representando uma diferença de +16%. Em Santa Catarina, a média das meninas brancas é de 6,59, enquanto a dos meninos é de 5,68, o que corresponde a uma diferença de +16%. Já em estados com desempenho geral mais baixo, como o Maranhão, as disparidades de gênero também são notáveis: meninas brancas têm uma média de 4,45 em Português, contra 3,14 entre os meninos, com uma diferença de +42%.

Para outras raças, o padrão de superioridade feminina em Português também se repete, com variações de desempenho entre os estados. Em Minas Gerais, por exemplo, meninas pardas apresentam uma média de 5,71, uma diferença de

+19% em relação aos meninos pardos, que registram 4,79. No Amazonas, entre os alunos pretos, as meninas têm uma média de 4,17 em Português, em comparação com 2,96 entre os meninos (+41%). No Distrito Federal, as meninas amarelas têm uma média de 5,16, enquanto os meninos amarelos alcançam 4,46, uma diferença de +16%.

Em Matemática, o cenário é ligeiramente diferente, com os meninos apresentando um desempenho superior em alguns estados, especialmente em certos grupos raciais. Em estados como Santa Catarina e Paraná, meninos brancos superam as meninas brancas: em Santa Catarina, meninos brancos têm uma média de 5,64 em Matemática, enquanto as meninas registram 5,13 (-9%). No Paraná, a média dos meninos brancos é de 5,30, enquanto a das meninas é de 4,90, uma diferença de -8%. Em estados como o Mato Grosso, essa diferença é menos acentuada ou mesmo invertida entre os indígenas, onde meninas indígenas registram uma média de 3,87 em Matemática, ligeiramente superior à dos meninos, que têm uma média de 3,63 (+7%).

Além das disparidades de gênero, observa-se uma variação considerável entre os estados no desempenho de cada raça em ambas as disciplinas. Em estados como o Distrito Federal e São Paulo, alunos brancos tendem a apresentar algumas das médias mais altas em Português e Matemática, se destacando entre os grupos raciais. No Distrito Federal, a média dos meninos brancos em Português é de 5,47, com uma diferença de +18% em relação às meninas brancas, que têm média de 6,44. Em estados com desempenho mais baixo, como o Maranhão e o Acre, a disparidade racial é mais evidente, especialmente entre os pardos e pretos. No Acre, por exemplo, meninos pardos apresentam uma média de 4,60 em Português, enquanto meninas pardas alcançam 5,30, uma diferença de +15%.

Ensino Médio

No Ensino Médio, os dados de desempenho em Português indicam que as meninas continuam a superar os meninos em todas as raças. Por exemplo, meninas brancas apresentam uma média de 5.05, uma vantagem de +18% em relação aos meninos brancos, que possuem uma média de 4.29. Esse padrão de superioridade feminina também é evidente nas demais raças: meninas pardas têm uma média de 4.16, superando os meninos pardos, que registram 3.54

(+18%); meninas pretas alcançam uma média de 3.99, em comparação aos 3.13 dos meninos (+27%); meninas amarelas apresentam uma média de 4.26, com uma vantagem de +23% em relação aos meninos amarelos, que possuem uma média de 3.46; e, finalmente, meninas indígenas têm uma média de 3.56, enquanto os meninos indígenas ficam com 2.87 (+24%). Esses resultados mostram que, em Português, as meninas apresentam desempenho consistentemente superior em habilidades linguísticas.

Já em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos geralmente superando as meninas em diversas raças. Meninos brancos, por exemplo, possuem uma média de 4.31, superando as meninas brancas, que registram 3.84 (-12%). Entre os pardos, os meninos alcançam uma média de 3.65, enquanto as meninas pardas ficam com 3.12 (-15%). Para os pretos, os meninos têm uma média de 3.31, enquanto as meninas registram 2.93 (-12%). Entre os amarelos, os meninos obtêm uma média de 3.56, superando as meninas amarelas, que possuem 3.41 (-6%). Finalmente, entre os indígenas, os meninos têm uma média de 3.10, enquanto as meninas indígenas registram 2.63 (-16%). Esses dados refletem que, em Matemática, o desempenho masculino é consistentemente superior em todas as raças.

Ao comparar o desempenho entre meninos e meninas de uma mesma raça em Português e Matemática, observa-se que as meninas superam os meninos em Português, enquanto os meninos frequentemente apresentam desempenho superior em Matemática. As disparidades de gênero são menos acentuadas do que as diferenças raciais. Por exemplo, em Português, meninos brancos têm uma média de 4.29, enquanto meninos pretos possuem 3.13, uma diferença de -27%. Meninos pardos apresentam 3.54, uma diferença de -18% em relação aos brancos. Entre as meninas, as diferenças também são significativas: meninas brancas têm a maior média em Português (5.05), enquanto meninas pretas apresentam uma média de 3.99, uma diferença de -21%.

Esses resultados reforçam a influência de barreiras estruturais e acesso desigual a recursos educacionais no desempenho acadêmico de alunos de diferentes raças. Em Matemática, as disparidades raciais são mais evidentes, sugerindo a necessidade de intervenções educacionais que promovam igualdade de oportunidades e suporte adicional para grupos historicamente marginalizados.

Série	Disciplina	Raça	Menino	Menina	Diferença (Menina vs Menino)
Ensino Médio	Português	Branco	4.29	5.05	+18%
Ensino Médio	Português	Pardo	3.54	4.16	+18%
Ensino Médio	Português	Preto	3.13	3.99	+27%
Ensino Médio	Português	Amarelo	3.46	4.26	+23%
Ensino Médio	Português	Indígena	2.87	3.56	+24%
Ensino Médio	Matemática	Branco	4.31	3.84	-12%
Ensino Médio	Matemática	Pardo	3.65	3.12	-15%
Ensino Médio	Matemática	Preto	3.31	2.93	-12%
Ensino Médio	Matemática	Amarelo	3.56	3.41	-6%
Ensino Médio	Matemática	Indígena	3.10	2.63	-16%

No Ensino Médio, os dados de desempenho em Português e Matemática evidenciam variações significativas entre diferentes estados, com distinções claras por gênero e raça. Em Português, as meninas superam consistentemente os meninos na maioria dos estados. No Distrito Federal, por exemplo, as meninas brancas apresentam uma média de 4,84, enquanto os meninos brancos alcançam 4,46, indicando uma diferença de +8%. Em São Paulo, a média das meninas brancas é de 4,56, superior aos 3,97 dos meninos brancos, representando uma diferença de +15%. Em estados com desempenho mais baixo, como Maranhão e Roraima, essa vantagem feminina também é evidente. No Maranhão, as meninas brancas registram uma média de 3,35, enquanto os meninos brancos têm 2,88, uma diferença de +16%. Já em Roraima, as meninas pardas alcançam 2,96, superando os meninos pardos, que possuem uma média de 2,61 (+13%).

Esse padrão de superioridade feminina em Português persiste em outras raças. No Amazonas, as meninas indígenas têm uma média de 2,08, enquanto os meninos indígenas alcançam 1,57, representando uma diferença de +32%. Em Santa Catarina, as meninas pretas registram uma média de 3,55, em contraste com os 2,82 dos meninos pretos, o que equivale a uma diferença de +26%.

Já em Matemática, o cenário se inverte em muitos estados, com os meninos geralmente apresentando desempenho superior. No Paraná, por exemplo, os meninos brancos registram uma média de 3,89, superior à média das meninas brancas, que é de 3,47, uma diferença de -11%. Esse padrão se repete em estados como Minas Gerais e Mato Grosso, onde os meninos brancos superam

as meninas em Matemática com diferenças de -14% e -10%, respectivamente. Contudo, há exceções, como no Tocantins, onde as meninas pardas apresentam um desempenho superior em Matemática, com uma média de 2,90, em comparação aos 2,43 dos meninos pardos (+20%). No Espírito Santo, a diferença em favor dos meninos é menor em grupos específicos, como entre os indígenas, onde as meninas registram uma média de 2,41, enquanto os meninos possuem 2,00 (+20%).

Além disso, as variações de desempenho entre os estados refletem disparidades raciais significativas em ambas as disciplinas. No Distrito Federal, onde o desempenho geral é mais alto, os meninos brancos em Português têm uma média de 4,46, enquanto as meninas brancas alcançam 4,84 (+8%). Por outro lado, no Pará, as disparidades são mais acentuadas. No estado, as meninas indígenas em Português possuem uma média de 3,19, enquanto os meninos indígenas alcançam apenas 2,33, representando uma diferença de +37%. No Maranhão, as disparidades também são evidentes: as meninas brancas têm um desempenho superior, com média de 3,35, em comparação aos 2,88 dos meninos brancos (+16%), enquanto as meninas indígenas alcançam 2,03, superando os meninos indígenas, que registram 1,59 (+28%).

Dados de 2021:

No Ensino Médio, os dados de desempenho em Português indicam que as meninas continuam a superar os meninos em todas as raças. Por exemplo, meninas brancas apresentam uma média de 4.94, uma vantagem de +14% em relação aos meninos brancos, que possuem uma média de 4.31. Esse padrão de superioridade feminina também é evidente nas demais raças: meninas pardas têm uma média de 4.14, superando os meninos pardos, que registram 3.58 (+16%); meninas pretas alcançam uma média de 3.96, em comparação aos 3.23 dos meninos (+22%); meninas amarelas apresentam uma média de 3.73, com uma vantagem de +33% em relação aos meninos amarelos, que possuem uma média de 2.82; e, finalmente, meninas indígenas têm uma média de 3.29, enquanto os meninos indígenas ficam com 2.50 (+31%). Esses resultados mostram que, em Português, as meninas apresentam desempenho consistentemente superior em habilidades linguísticas.

Já em Matemática, o cenário se inverte, com os meninos geralmente superando as meninas em diversas raças. Meninos brancos, por exemplo, possuem uma média de 4.24, superando as meninas brancas, que registram 3.83 (-10%). Entre os pardos, os meninos alcançam uma média de 3.63, enquanto as meninas pardas ficam com 3.20 (-12%). Para os pretos, os meninos têm uma média de 3.29, enquanto as meninas registram 2.87 (-13%). Entre os amarelos, os meninos obtêm uma média de 3.78, superando as meninas amarelas, que possuem 3.37 (-11%). Finalmente, entre os indígenas, os meninos têm uma média de 3.19, enquanto as meninas indígenas registram 2.84 (-11%). Esses dados refletem que, em Matemática, o desempenho masculino é consistentemente superior em todas as raças.

Ao comparar o desempenho entre meninos e meninas de uma mesma raça em Português e Matemática, observa-se que as meninas superam os meninos em Português, enquanto os meninos frequentemente apresentam desempenho superior em Matemática. As disparidades de gênero são menos acentuadas do que as diferenças raciais. Por exemplo, em Português, meninos brancos têm uma média de 4.31, enquanto meninos pretos possuem 3.23, uma diferença de -25%. Meninos pardos apresentam 3.58, uma diferença de -17% em relação aos brancos. Entre as meninas, as diferenças também são significativas: meninas brancas têm a maior média em Português (4.94), enquanto meninas pretas apresentam uma média de 3.96, uma diferença de -20%.

Esses resultados reforçam a influência de barreiras estruturais e acesso desigual a recursos educacionais no desempenho acadêmico de alunos de diferentes raças. Em Matemática, as disparidades raciais são mais evidentes, sugerindo a necessidade de intervenções educacionais que promovam igualdade de oportunidades e suporte adicional para grupos historicamente marginalizados.

Série	Disciplina	Raça	Menino	Menina	Diferença (Menina vs Menino)
Ensino Médio	Português	Branco	4.31	4.94	+14%
Ensino Médio	Português	Pardo	3.58	4.14	+16%
Ensino Médio	Português	Preto	3.23	3.96	+22%
Ensino Médio	Português	Amarelo	2.82	3.73	+33%
Ensino Médio	Português	Indígena	2.50	3.29	+31%
Ensino Médio	Matemática	Branco	4.24	3.83	-10%

Ensino Médio	Matemática	Pardo	3.63	3.20	-12%
Ensino Médio	Matemática	Preto	3.29	2.87	-13%
Ensino Médio	Matemática	Amarelo	3.78	3.37	-11%
Ensino Médio	Matemática	Indígena	3.19	2.84	-11%

No Ensino Médio, os dados de desempenho em Português e Matemática revelam variações significativas entre os estados, com diferenças marcantes por gênero e raça. Em Português, as meninas superam os meninos em quase todos os estados. No Espírito Santo, por exemplo, meninas brancas registram uma média de 4.94, enquanto os meninos brancos alcançam 4.31, uma diferença de +14%. Em São Paulo, meninas pardas apresentam uma média de 3.94, superando os meninos pardos, que possuem uma média de 3.47 (+13%). No Amazonas, as meninas pretas têm uma média de 2.79, uma vantagem de +39% em relação aos meninos pretos, que registram 2.00. Entre os indígenas, o padrão de superioridade feminina também é evidente. No Mato Grosso, meninas indígenas têm uma média de 1.83, superando os meninos indígenas, que possuem 1.38 (+32%).

Em Matemática, os meninos geralmente apresentam desempenho superior às meninas em diversos estados. Em Santa Catarina, por exemplo, meninos brancos têm uma média de 3.78, superando as meninas brancas, que registram 3.37 (-11%). No Rio de Janeiro, meninos pardos apresentam uma média de 3.03, enquanto as meninas pardas alcançam 2.62 (-14%). No entanto, algumas exceções destacam-se. No Mato Grosso, meninas indígenas têm desempenho superior em Matemática, com uma média de 1.83, em comparação aos 1.38 dos meninos indígenas (+32%). Apesar disso, em estados como o Rio Grande do Sul, a vantagem masculina é mais evidente. Lá, meninos pretos registram 3.27, enquanto as meninas pretas alcançam 2.78 (-15%).

As disparidades raciais também são notáveis em ambos os estados e disciplinas. Em Português, no Amazonas, meninos brancos registram uma média de 3.48, enquanto meninos pretos têm uma média de 2.00, uma diferença de -42%. No Ceará, meninas brancas alcançam uma média de 4.66 em Português, enquanto meninas pretas têm uma média de 3.82, uma diferença de -18%. Em Matemática, as disparidades raciais são ainda mais evidentes. No Distrito Federal, meninos brancos têm uma média de 3.80, enquanto meninos pretos registram 3.24 (-

15%). Já no Rio Grande do Sul, meninas brancas têm uma média de 3.63 em Matemática, enquanto meninas pretas possuem 2.41 (-34%).

Comentários:

A interseccionalidade descreve como múltiplas formas de discriminação - como as baseadas em gênero e raça - se sobrepõem e criam experiências únicas de opressão (Crenshaw, 1989). No contexto educacional brasileiro, essa sobreposição é evidente nos resultados apresentados. Por exemplo, meninas pretas, embora consistentemente superem os meninos pretos em Português, ainda apresentam desempenhos inferiores quando comparadas a meninas brancas. Essa discrepância reflete a interação entre desigualdades raciais e de gênero, onde barreiras estruturais específicas enfrentadas por meninas pretas restringem suas oportunidades de desenvolvimento acadêmico.

Essas diferenças estão alinhadas com a literatura, como os estudos de Hooks (2000), que destacam como as experiências educacionais de meninas negras são frequentemente moldadas por expectativas mais baixas, estereótipos e menor acesso a recursos educacionais. A interseccionalidade também se manifesta na invisibilização das necessidades específicas de meninas pretas em políticas públicas e práticas pedagógicas, perpetuando desigualdades sistêmicas.

Em Matemática, onde o desempenho masculino geralmente supera o feminino, os meninos brancos lideram em todas as raças, enquanto os meninos pretos e indígenas ocupam as últimas posições. Essa dinâmica ilustra o conceito de racismo estrutural, descrito por Bonilla-Silva (2017), onde estruturas institucionais e sociais promovem e sustentam desigualdades raciais desde os primeiros anos de vida. Além disso, a sobreposição de raça e gênero em Matemática exacerba a marginalização de meninas pretas e indígenas, que enfrentam tanto a desvantagem de gênero quanto a racial.

Por outro lado, o desempenho de meninos brancos em Matemática destaca como privilégios históricos e sociais associados à branquitude continuam a oferecer vantagens educacionais. Estudos de Silva e Hasenbalg (2000) indicam

que a perpetuação dessas vantagens está relacionada a fatores como acesso a escolas de melhor qualidade, maior capital cultural e suporte familiar diferenciado, aspectos que são mais frequentemente negados a alunos negros e indígenas.

A interseccionalidade não apenas amplifica desigualdades individuais, mas também afeta resultados sistêmicos. Por exemplo, enquanto meninas brancas frequentemente alcançam os melhores resultados em Português, meninas indígenas, mesmo superando meninos indígenas, continuam significativamente atrás nas médias gerais. Essa desigualdade reflete uma combinação de barreiras culturais, geográficas e econômicas enfrentadas por comunidades indígenas, frequentemente marginalizadas tanto pelo sistema educacional quanto pelas políticas públicas.

Considerações Finais

A análise apresentada neste relatório destaca as profundas desigualdades educacionais que permeiam o sistema educacional brasileiro, evidenciando como essas disparidades estão intrinsecamente relacionadas a fatores raciais, de gênero e ao tipo de escola frequentada pelos alunos. Essas desigualdades, reveladas ao longo dos anos e reforçadas pelos impactos da pandemia de COVID-19, apontam para desafios estruturais que requerem uma abordagem integrada e urgente.

Principais Achados

Desigualdades Raciais: Alunos brancos consistentemente apresentam desempenho superior em comparação a grupos racializados, como pretos, pardos, amarelos e indígenas. Essa disparidade é ainda mais acentuada em escolas públicas e em disciplinas como matemática.

Interseccionalidade de Gênero e Raça: Meninas negras enfrentam barreiras interseccionais significativas, superando meninos negros em português, mas ficando atrás de meninas brancas em todas as disciplinas. Meninos brancos continuam a liderar em matemática, destacando as dinâmicas de exclusão estruturais.

Diferenças por Tipo de Escola: Escolas privadas oferecem um ambiente mais favorável para o desempenho acadêmico, mas as desigualdades raciais permanecem evidentes mesmo nesses contextos.

Impacto da Pandemia: O ensino remoto e híbrido exacerbou as desigualdades existentes, especialmente para alunos de escolas públicas e de grupos racializados, devido à falta de acesso a tecnologias e suporte adequado.

Recomendações

Para mitigar essas desigualdades e promover maior equidade no sistema educacional, são recomendadas as seguintes ações:

Investimento em Infraestrutura Escolar: Priorizar melhorias em escolas públicas, especialmente em regiões periféricas, garantindo acesso a recursos modernos e ambientes de aprendizado adequados.

Formação Continuada de Professores: Capacitar educadores para lidar com a diversidade nas salas de aula e implementar práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas.

Políticas de Ação Afirmativa: Implementar programas de reforço escolar e tutoria direcionados a grupos vulneráveis, com foco em disciplinas como matemática e português.

Integração Tecnológica: Garantir acesso universal à internet e a dispositivos digitais para alunos e professores, reduzindo o impacto da desigualdade tecnológica.

Monitoramento Contínuo: Desenvolver sistemas de avaliação que acompanhem as disparidades educacionais e subsidiem a formulação de políticas públicas baseadas em evidências.

Os resultados apresentados neste relatório reforçam a necessidade de uma mobilização coletiva para enfrentar as desigualdades educacionais no Brasil. Gestores, educadores, formuladores de políticas públicas e a sociedade civil devem atuar de forma conjunta para garantir que todos os alunos, independentemente de sua raça, gênero ou condição socioeconômica, tenham acesso a uma educação de qualidade e equitativa. Este é um passo essencial para promover a justiça social e construir um país mais inclusivo e sustentável.

Bibliografia

- Bonilla-Silva, E. (2017). *Racism Without Racists: Color-Blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in America*. Rowman & Littlefield.
- Bourdieu, P. (1986). *The Forms of Capital*. In J. G. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241-258). Greenwood Press.
- Cantarino, C. (2007). Racismo influencia desempenho escolar. *Ciência e Cultura*, 59, 11-11.
- Carvalho, M. (2005). Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. *Revista Brasileira de Educação*, 77-95.
- Carvalho, M. P. D. (2004). O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, 247-290.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 140, 139-167.
- Dal Igna, M. C. (2007). Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?. *Educação em revista*, (46), 241-267.
- Domingues, P. (2009). O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 39, 963-994.
- Feijó, J. R., & França, J. M. S. D. (2021). Diferencial de desempenho entre jovens das escolas públicas e privadas. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 51, 373-408.
- Lana, Bruno de Carvalho. Cor e desempenho escolar: o papel da escola, do professor e dos colegas na proficiência dos alunos negros no Brasil. 2010. Tese de Doutorado.
- Moraes, A. G. E. D., & Belluzzo, W. (2014). O diferencial de desempenho escolar entre escolas públicas e privadas no Brasil. *Nova economia*, 24(2), 409-430.
- Osti, A., & Martinelli, S. D. C. (2014). Desempenho escolar: análise comparativa em função do sexo e percepção dos estudantes. *Educação e pesquisa*, 40, 49-59.

MAPA PRETO DA EDUCAÇÃO

www.mapapretodaeducacao.org/

Realização:



Patrocínio:

